



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

**Dinâmicas de casal de avós e a sua relação com os netos na
presença de doença crónica num dos avós: uma leitura
relacional- simbólica.**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde.**

Inês Catarina Campos Ferreira

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

DEZEMBRO 2017



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

**Dinâmicas de casal de avós e a sua relação com os netos na
presença de doença crónica num dos avós: uma leitura
relacional- simbólica.**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde.**

Inês Catarina Campos Ferreira

Sob a Orientação da **Prof.^a Doutor Ricardo Jorge De
Oliveira Pinto Peixoto**

Resumo: O Presente trabalho assenta na Perspetiva Relacional-Simbólica e tem como objetivo geral, conhecer a relação e as dinâmicas de casal na presença de doença crónica e a dinâmica relacional com os netos. Foi utilizada a Entrevista Clínica Geracional que visa a compreensão dos intercâmbios geracionais em diversos contextos de vida do casal. O estudo realizou-se com um casal originário do Norte de Portugal e casados há 42 anos. O elemento do casal do sexo feminino tem 63 anos, é reformada e sofre de Fibromialgia e o elemento do sexo masculino tem 67 anos e atualmente está desempregado. Os resultados apontam que existe um medo relativo à fuga dos elementos da família decorrente da emigração paterna na fase da infância e que a primazia concedida ao medo do exterior abafa a compreensão da doença a nível familiar demonstrando que aparentemente, a doença não tem impacto significativo a nível da dinâmica familiar. A grã-parentalidade não é abordada, facto que pode ter sido comprometido pelo instrumento ser limitador ou então poderá ser consequência da não assunção da generatividade social por parte do casal. O estudo assume um caráter inovador, pelo que não houve a possibilidade de aceder à informação com a devida profundidade, no entanto acreditamos que a utilização do instrumento em estudos futuros dará possibilidade de ter acesso a essa informação.

Palavras-Chave: relação de casal; dinâmicas de casal; relação avós-netos; doença crónica.

Abstract: The present work is based on the Relational-Symbolic Perspective and its general objective is to know the relation and the dynamics of couple in the presence of chronic illness and the relational dynamics with the grandchildren. The Generational Clinical Interview was used to understand the generational exchanges in different contexts of the couple's life. The study was conducted with a couple from the north of Portugal and married 42 years ago. The element of the female couple is 63 years old, is retired and suffers from Fibromyalgia and the male element is 67 years old and is currently unemployed. The results indicate that there is a fear regarding the escape of the family elements due to the father's emigration in the childhood phase and that the primacy granted to the fear of the exterior stifles the understanding of the disease at the family level demonstrating that apparently the disease does not have significant impact to level of family dynamics. High parenting is not addressed, a fact that may have been compromised by the instrument being limiting or may be a consequence of the couple's non-assumption of social generosity. The study assumes an innovative character, reason why it was not possible to access the information with the depth, however we believe that the use of the instrument in future studies will give possibility to have access to this information.

Keywords: couple relationship; couple dynamics; grandparent relationship; chronic disease.

Introdução

A Família tem vindo a ser alvo de estudo em diversos âmbitos da Psicologia e, cada perspetiva estudada acarreta metodologias e objetivos diferenciados. A Perspetiva Relacional Simbólica, inserida num Modelo Sistémico vê a família para além da soma dos seus membros, tentando procurar dar relevo às componentes simbólicas das transições familiares e encarando-a como um conjunto de transições e dinâmicas relacionais. Segundo Cowan (1991), as transições são consideradas normativas quando são previsíveis, sendo que ocorrem de forma cíclica e perpetuam-se como eventos críticos da passagem do tempo (Minuchin, 1982) que acontecem em momentos específicos, e não normativas quando não são esperadas, adquirindo um caráter cíclico. O caráter cíclico das transições faz com que o momento em que os indivíduos se tornam avós coincida com o momento em que os seus filhos se tornam pais (Colarusso, 1990), o que obriga a que haja uma redefinição de papéis, no que concerne às novas posições que irão ser ocupadas entre as gerações (Scabini & Cigoli, 2000; Cigoli & Scabini 2006).

Como transições não normativas do ciclo familiar associam-se neste caso particular, a doença e o fenómeno da emigração. Esta última obriga a que todos os membros envolvidos ativem recursos e energias adicionais para lidar com as mudanças, pois há um impacto direto sobre as relações familiares, nos papéis, no lugar de cada um no sistema e nas expectativas da família (Daure, Coulon & Forzan, 2014).

Sabemos que de acordo com o ciclo normal das transições, a doença surge, maioritariamente, na grã-parentalidade. A ausência de saúde provoca inevitavelmente uma diminuição do bem-estar físico e mental, podendo provocar diferenças nas relações sociais e familiares do sujeito havendo vários estudos que enfocam o impacto da doença na família nuclear. O fator doença é considerado um evento crítico e doloroso principalmente para a família, mas no entanto pode adquirir também um caráter protetor, na medida em que pode constituir-se como uma oportunidade para aproximação e revitalização dos laços familiares e, ao mesmo tempo, para a resignificação dos eventos típicos da fase anterior (Scabini & Cigoli, 2000).

No conteúdo do trabalho irão ser abordadas todas as transições normativas (conjugalidade, parentalidade e grã-parentalidade e transição para a morte) e ainda, a experiência de emigração, considerada uma transição não normativa.

A revisão bibliográfica vai servir os objetivos do estudo delineados, nomeadamente, a exploração da relação e dinâmicas de casal na presença de doença crónica por parte da esposa e na exploração da relação entre avós e netos na presença de doença crónica. Associa-se também um caráter inovador ao estudo, na medida que pretende compreender a influência da doença na

terceira geração, ao mesmo tempo que se tenta compreender se o instrumento utilizado é adequado ao objetivo. O instrumento utilizado foi a Entrevista Generacional Clínica adaptada em 2010 para a população Portuguesa (Gonçalves, Trigueiros, Peixoto, & Raguso, 2010a; 2010b; Raguso, Facchin, Molgora & Gonçalves, 2010; Raguso, Peixoto, Gonçalves, Trigueiros, 2010a; 2010b).

A família na Perspetiva Relacional-Simbólica

As famílias constituem-se como uma unidade subjetiva e realidade dinâmica o que implica que no círculo familiar todas as mudanças são sentidas por todos os indivíduos ao longo do tempo mas também pelas gerações sucessivas, inseridas em contextos políticos, sociais e históricos específicos (Cardoso, Magalhães & Pais, 2013).

Numa visão sistémica, a família pode ser considerada um sistema aberto, uma vez que existem movimentações dos membros dentro e fora da interação de uns com os outros e com os sistemas extrafamiliares, num fluxo constante. Assim, existe uma influência recíproca a nível de comportamentos e ações de cada um dos seus membros. Há uma diferenciação no sistema familiar e cada um dos membros passa a exercer as suas funções através de subsistemas. Nesta perspetiva, cada membro representa um subsistema, ou então, um grupo maior de membros, possibilitam a composição de outros subsistemas, restritos por geração, sexo, função ou interesse (Minuchin, 1982).

Cigoli (2006) sugere que existe a necessidade de haver uma mudança de paradigma. Este novo paradigma compreende uma visão relacional e simbólica da família e postula que haja a inclusão da pessoa como um todo, e que seja permitido considera-la como lugar de ação e reflexão. Neste prisma, o intercâmbio simbólico representa as mudanças e trocas existentes no seio da família, no que concerne ao género, gerações ou ascendências (Scabini & Iafrate, 2003). A matriz simbólica é dividida em dois polos: o polo afetivo e polo ético. O primeiro constitui-se como um dos polos fulcrais dentro da relação familiar, na medida em que a família se constitui, por excelência, o lugar dos afetos e da responsabilidade pessoal). As qualidades simbólicas como a confiança e esperança reforçam o vínculo familiar quer seja na relação conjugal, parental ou generacional (Scabini & Cigoli, 2014). O polo ético é outro polo fulcral da relação familiar, e é constituído por elementos como a justiça e a lealdade (Scabini & Cigoli, 2014). A presença destes dois polos proporciona à entidade relacional um sentido regulador dos afetos. Ora, isto leva a que o indivíduo seja obrigado a agir como um todo, pois na ausência de um dos elementos a qualidade relacional é afetada em todos os subsistemas (Minuchin, & Fishman, 1981; Scabini & Cigoli, 2000).

Transições na vida familiar

O modelo encara a família a partir de transições, que se constituem como eventos críticos, que obrigam a ajustes de todos os membros familiares na organização e dinâmicas relacionais (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). Estas ocorrem ao longo da vida, vinculando os indivíduos aos valores, à história e à cultura, para que estes superem os limites do quotidiano (Scabini & Cigoli, 2000).

Segundo McCubbin e Patterson (1983), perante uma transição a família pode adotar três estratégias diferentes para o enfrentamento: o evitamento (há uma negação ou subestimação do acontecimento), a eliminação (há um descarte das consequências do evento, subestimando os significados e as suas consequências) e a assimilação (há uma aceitação da mudança de forma a responder às novas exigências, isto é os padrões de interação mudam mas não existe destruturação familiar).

Cada fase do desenvolvimento visa a concretização de objetivos e uma vez que se trata de um modelo transgeracional, deve-se ter em conta tanto a projeção do casal na formação de nova família, como a história familiar e os laços com a família de origem. Não obstante, pretende-se que o casal construa a sua identidade não estando limitado aquilo que são os conceitos das suas famílias de origem, alterando desta forma o seu papel. Essa construção assenta na adoção de um estilo relacional concreto, construído a partir da base que foi incutida nas famílias de origem (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Transição para a conjugalidade

O pacto conjugal tem como objetivo o equilíbrio entre a unicidade e diferença dos dois membros do casal, em que se pretende que se reconheça a diferença e a semelhança no outro, incluindo uma assimetria e igualdade das condições sociais (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). Contempla duas componentes: o pacto secreto e o pacto declarado. O primeiro consiste nas necessidades, valores, ideias e expectativas, que cada membro do casal transporta da sua família de origem para a relação (Cigoli & Scabini, 2006 & Scabini & Cigoli, 2000), correspondendo à união inconsciente dos cônjuges trazida no matrimónio secreto (Pincus & Dare, 1987). O pacto declarado, é consciente e explícito, assente na confiança que advém do matrimónio, onde os novos cônjuges assumem perante a sociedade o seu compromisso de lealdade (Pincus & Dare, 1987).

A transição para a conjugalidade implica tarefas enquanto cônjuges que contempla a criação da identidade de casal sendo capazes de integrar ambas as visões e indo para além das referências e histórias familiares; tarefas enquanto filhos que se interliga com o encontro das

histórias individuais das respectivas famílias de origem; e, deveres permanentes em cada transição (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Transição para a parentalidade

A transição para a parentalidade acrescenta ao casal novas responsabilidades, nomeadamente a responsabilidade de cuidar e amar o novo membro da família, passando o casal a praticar a generatividade (Scabini & Iafrate, 2003). A nível conjugal há uma mudança e uma introdução de novos papéis familiares que necessitam de ser reorganizados (Gambini, 2007) e implicam que haja uma redefinição das relações e das fronteiras do sistema (Scabini & Cigoli, 2000). Pode assumir-se como positivo pois o nascimento de um filho pode consolidar a identidade de casal, reforçando o laço e ativando recursos relacionais e pessoais, possibilitando o desenvolvimento do casal e permitindo-lhes encontrar um equilíbrio adaptado á nova condição (Cigoli & Scabini, 2006). Por outro lado, pode impedir o crescimento conjugal e, em última instância quebrar o laço caso não exista uma preparação e reorganização do casal (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Iafrate, 2003).

A transição dos filhos para a vida adulta confere aos pais a tarefa de garantir que os filhos assumem plena responsabilidade adulta. Há três tarefas de transição: enquanto cônjuges, enquanto filhos e enquanto pais (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).^[1] Enquanto cônjuges o casal deve ser capaz de reorganizar a vida conjunta de forma a investir na relação; enquanto filhos devem ser capazes de aceitar o envelhecimento dos próprios pais assumindo os seus cuidados; e, enquanto pais estes devem ter a capacidade de auxiliar os seus filhos na assunção das responsabilidades de adultos (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000, 2012; Scabini, Marta & Lanz, 2006).

Enquanto organização intergeracional, a generatividade constitui objetivo central da família, biológica, simbólica e culturalmente (Erikson, 1976). O foco central nesta fase volta a ser o casal e as suas relações sociais, apesar de continuar a desempenhar funções no sistema familiar.

Transição para a grã-parentalidade e transição para a morte

A transição para a grã-parentalidade é um efeito intergeracional do nascimento de uma nova geração (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). Face à expansão do sistema familiar, este sofre transformações no seu funcionamento e na sua dinâmica que, para além de se estenderem na continuidade do desenvolvimento familiar, estendem-se para a família como um todo (Kipper & Lopes, 2006).

A entrada de um novo membro na família introduz uma nova dimensão temporal, no sentido da finitude da vida, normalmente inconsciente e afigura-se como uma nova forma de generatividade, em que a responsabilidade e o empenho são separados pela distância geracional (Scabini & Cigoli, 2000). Nesta fase da vida, é necessário que o indivíduo que irá assumir o papel de avô faça uma redefinição da posição a ocupar entre as várias gerações; modifique a representação que tem do seu próprio filho; e, construa novos vínculos afetivos com o neto, passando assim do sentido de generatividade parental para o sentido de generatividade social (Colarusso, 1990; Raguso, 2010).

Os avós não têm que ser obrigatoriamente idosos, contudo os estudos que existem fazem referência a avós idosos, defendendo que o envelhecimento além de acarretar repercussões individuais produz, também, alterações no nível de vida familiar, nomeadamente, transformações qualitativas e dinâmicas da organização estrutural da família (Maluschk, 2009), fazendo emergir diversos eventos críticos que se refletem como uma transformação do papel do idoso (passa da posição central, produtiva e autónoma para uma posição mais dependente). A tarefa de transmissão de património simbólico para os seus filhos e, conseqüentemente para as gerações mais jovens mantém-se e, adquire um cariz mais central (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

A saída de casa dos filhos, a reforma e a viuvez simbolizam a perda de capacidade social do idoso e possibilita-lhe dedicar-se às relações e laços construídos ao longo da vida que permite o desempenho da função de generatividade social auxiliando o fortalecimento da sua própria identidade (Scabini & Cigoli, 2000).

A doença e a relação com os netos

O aparecimento da doença e o seu curso implicam uma elevada capacidade de adaptação em qualquer um dos membros do ciclo familiar pois constitui-se como uma das passagens mais críticas no percurso evolutivo da família, acarretando mudanças de rotina e de ritmos e colocando a família numa posição reflexiva acerca da temporalidade da doença. Poderá assumir-se de duas formas: como precursor destrutivo da coesão familiar, ou como oportunidade de crescimento, uma vez que pode influenciar a resolução de conflitos, para além de poder completar o processo de transmissão intergeracional (Cigoli, 1992). Num sentido mais geral e numa sùmula da literatura, segundo Silveira (2003), é um precursor destrutivo quando os seus membros se distanciam, como forma de evitar confrontos, redefinição de papéis previamente estabelecidos, compromissos desagradáveis ou pelo próprio medo de desenvolver

a demência. O facto de, muitas vezes, serem os familiares a cuidar dos idosos torna o processo de aceitação cada vez mais difícil, também derivado ao facto de cada vez mais, o número de elementos da família é menor, que reduz, inevitavelmente, os recursos internos destinados à família para cuidar dos idosos, levando a um esforço maior e uma distribuição mais alargada entre as gerações, que pode tornar-se um elemento estimulador da abertura da relação, facilitando, também, a descoberta da relação solidária intra-geracional (Scabini & Cigoli, 2000; Cigoli, 1992).

Os avós, antes do nascimento da nova geração, tendem a idealizar a vários níveis a relação que irão construir com os netos sendo que esta é influenciada por vários fatores. De uma forma geral, a literatura realça: a idade e género quer dos avós quer dos netos, a linhagem (Kemp, 2007; Osuna, 2006), a frequência de contacto, a co-habitação (Cigoli, 2006; Osun, 2006), a relação entre pais-avós (Muller & Elder Jr, 2003) e a saúde dos avós (Creasey & Kaliher, 1994; Ossuna, 2006; Celdrán, Villar & Triadó, 2012).

Segundo Creasey e Kaliher (1994), o estatuto de menor saúde pode provocar perceções de menor afeto por parte dos netos e provocar alterações na perceção de ambos acerca da sua relação, pois os netos tendem a ter preocupações com os avós que padeçam de algum problema de saúde, refletindo-se no medo que a relação se deteore devido à frequência de contacto e do medo que têm que estes venham a morrer num futuro próximo (Boon & Shaw (2007). As perceções ampliam-se quando as relações são mais próximas e com a gravidade da questão de saúde, pois as próprias características da doença podem constituir-se como percursos de um afastamento progressivo, na medida em que surge uma incapacidade de transmitir elementos simbólicos, como a história familiar (Celdrán, Triadó & Villar, 2009).

A doença nos idosos anuncia a sua morte iminente e, a possibilidade de ter dentro da família uma pessoa para cuidar do idoso doente, constitui um aspeto cada vez mais peculiar implicando que os seus membros questionem o sentido geral das relações e reflitam sobre o significado da vida (Cigoli,1992).

A emigração

Todas as transições que ocorrem ao longo do ciclo vital conferem-se como causa-efeito das mudanças evolutivas e ocorrem quando se dá a alteração da família no meio envolvente, consequência da mudança de papéis ou da mudança de ambiente ou ambos (Bronfenbrenner, 1979/1996). A emigração envolve processos de fragmentação e reorganização da unidade familiar, quer haja a emigração apenas de um membro da família quer seja de todo o núcleo familiar. Um estudo italiano revela que a migração de um dos cônjuges (especialmente

mulheres) é resultado de um ambiente fraco caracterizado por relações frágeis e problemáticas, onde a saída do país de origem é vista como uma oportunidade para sair de um relacionamento insatisfatório e doloroso (Lagomarsino, 2005).

Tem impacto direto sobre as relações familiares, nos papéis, no lugar de cada um no sistema, nas expectativas da família, implica que haja uma reorganização, que depende diretamente da capacidade que os indivíduos tenham de estabelecer relação entre a cultura de origem e a cultura do país de acolhimento, da história da imigração dos pais e das referências das duas culturas (Daure, Coulon & Forzan, 2014) e é diferenciada de acordo com a fase desenvolvimental em que encontram no momento da transição. Por ser uma transição não expectável, são várias as causas adjacentes à decisão de emigrar, destacando-se entre elas a procura de melhores condições de vida com o intuito de satisfazer os projetos de vida (Sluzki, 1990/1997).

Falicov (2001) sustenta que, ao emigrar a família perde raízes a nível físico, social e cultural, e, embora não existam rituais de transição, as famílias normalmente criam formas de enfrentar as perdas ambíguas através do que a autora caracterizou como rituais espontâneos, que agem como fatores protetores e promotores da resiliência familiar. A perda de raízes é sustentada, não raras vezes, pelo fraco contacto com as famílias de origem e rede social significativa, que leva à perda do sentimento de pertença dentro da família.

A saída do progenitor, especificamente do pai, varia naturalmente consoante a época e os papéis, e constitui-se como uma experiência difícil para a mãe/esposa que se vê obrigada a comandar a casa, os filhos e até as finanças, ampliando o seu papel diante do grupo familiar, porém, existem estratégias que são criadas para a manutenção do poder de autoridade do pai que emigrou e da perda do papel das esposas, que passam a viver com a ausência dos maridos (Coelho, 2007). A relação estabelecida entre os filhos nascidos na terra de acolhimento e a família que fica no país de origem é também um fator indispensável pois ajuda no processo de reencontro entre pais e filhos, significando partilha da história familiar (Daure et al., 2014).

Estudos apontam que os indivíduos que saem têm menor sentido de pertença, contudo as pessoas que ficam também partilham a ideia de que os emigrantes não pertencem à família, especialmente as crianças que, por determinadas características da personalidade, circunstâncias e dinâmica familiar interpretam a ausência da figura paterna como abandono e desproteção, que mais tarde se refletem na sua autoestima ao sentir que não são merecedoras de atenção e de afeto, e como consequências torna-se difícil integrar-se socialmente, razão pela qual possuem menos recursos para enfrentar a vida (Zárate, Córdoba & Vargas, 2007).

Não raras vezes, a decisão de emigrar por parte da segunda geração de migrantes nasce do sentimento de paternidade abstrata, baseada na ausência do progenitor, onde a convivência era por pequenos períodos de tempo, fazendo com que a ideia de que a ausência do pai fosse entendida como parte integrante do seu papel na família (Sánchez-Plata & Vizcarra-Bordi, 2009).

Metodologia

Objetivos do estudo

Objetivo geral:

- Conhecer a relação e as dinâmicas de casal na presença de doença crónica e a dinâmica relacional com os netos.

Objetivos específicos:

- Conhecer e explorar a relação e dinâmicas de casal na presença de doença crónica por parte da esposa;
- Explorar a relação entre avós e netos na presença de doença crónica;
- Compreender se a Entrevista Clínica Generacional se adequa ao estudo da relação entre avós e netos.

Método

O presente estudo é de cariz qualitativo/descritivo, nomeadamente um estudo de caso. O estudo de caso é definido com base nas características do fenómeno em estudo e no conjunto de características que estão associadas ao processo de recolha e estratégias de análise dos dados (Yin, 2008). Não é possível generalizar os resultados pois a experiência é individual e interna de cada sujeito (Campomar, 1991), permitindo assim compreender em pormenor, a partir da descrição do casal, a sua relação e as suas dinâmicas familiares. Esta abordagem metodológica é adequada em estudos que se pretenda explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, onde os fatores envolvidos dificultam a identificação das variáveis consideradas importantes.

O estudo aqui explanado pretende analisar o casal e apreender a dinâmica existente, experiência que se constitui como única e individual de cada casal. Além disso o estudo é realizado com um instrumento que, adaptado para a população portuguesa, não tem sido aplicado com o objetivo de aceder a dinâmicas relacionais de avós e netos.

Investigadores como Cigoli e Scabini (2006) acreditam que a melhor forma de aceder à realidade estratificada da família ou, neste caso, do casal implica que se tenham em conta as

ambas as perspetivas, comparando-as e integrando-as. Uma análise mais global vai permitir compreender o que liga os membros familiares, o que é partilhado por todos e ainda a perspetiva individual de cada história e de cada membro (Lanz & Rosnati, 2002). Metodologicamente implica uma abordagem com o casal como tal e não uma visão individualizada ou visões somadas dos cônjuges.

Participantes

De forma a preservar o anonimato e a confidencialidade dos dados, procedeu-se à alteração dos nomes dos participantes por nomes fictícios.

O estudo foi realizado com um casal originário do Norte de Portugal e pertencente à classe média. O elemento do casal do sexo feminino (Isaura) tem 63 anos, é reformada e sofre de Fibromialgia (apresenta crises regularmente) e o elemento do sexo masculino (Eliseu) tem 67 anos e atualmente está desempregado, casados há 42 anos e é o primeiro casamento de ambos. Após o casamento coabitaram com os pais de Isaura durante um ano, tendo no ano seguinte emigrado para o Canadá, apontando dificuldades económicas, onde estiveram 20 anos. Fixaram-se em Portugal há 26 anos e residem numa habitação própria. A família é constituída por dois filhos de nacionalidade Canadiana, uma rapariga (Marta) de 40 anos e um rapaz (André) de 38. Ambos são casados e residem em Portugal numa residência próxima dos pais. A filha mais velha tem duas filhas resultado do atual casamento com o seu parceiro. A mais velha tem 8 anos e a outra não tem idade indicada.

Ambos os participantes partilham história de emigração da figura paterna na fase da infância.

Instrumento

A Entrevista Clínica Generacional foi adaptada para a população portuguesa (Gonçalves, Trigueiros, Peixoto, & Raguso, 2010a; 2010b; Raguso, Facchin, Molgora & Gonçalves, 2010; Raguso, Peixoto, Gonçalves & Trigueiros, 2010a; 2010b). Apesar de não existirem ainda muitas aplicações em Portugal, tendo em conta os objetivos centrais do estudo, este instrumento pareceu-nos o mais adequado, pois além de procurar ligações menos aparentes entre o conteúdo das afirmações ao longo da entrevista, interpretadas no âmbito da perspetiva Relacional-Simbólica, estimula a procura de uma linha condutora na história familiar e nos diversos acontecimentos descritos. Trata-se de um instrumento qualitativo, sob a forma de uma entrevista, composto por três dimensões: origens de cada membro; formação do casal e desenvolvimento da relação de casal; e a passagem e transmissão à geração seguinte.

Na primeira parte da entrevista os entrevistados são convidados a partilhar acerca do conteúdo e qualidade das representações relativas às suas origens. Ao refletir sobre o seu ambiente familiar de origem, os entrevistados destacam inevitavelmente os rituais da família o que significa que as práticas de vida familiar e rituais em particular são indicativos do sentido na relação de troca. Na segunda dimensão da entrevista aborda o relacionamento do casal, pelo que se pretende que ambos respondam às questões, facto que poderá dar indicações quanto à tipologia de casal existente e ajuda-nos a compreender a dinâmica interativa e comunicativa do casal, permitindo-nos explorar também o tipo de pacto existente no casal. Por último, a terceira parte da entrevista é também delineada para ambos os indivíduos responderem e integra questões relativas à mudança de geração, mais especificamente à transmissão de valores, história e cultura.

Da codificação da informação obtêm-se três classificações em cada uma das três dimensões: Fecunda, Ambivalente e Falida (Cigoli & Tamanza, 2009b), que ainda não foram validadas para a população portuguesa. Todas as dimensões serão explicadas através da classificação proposta por Cigoli e Tamanza (2009b).

Primeira dimensão: origens de cada membro

O casal de *Origens Fecundas* é representado pela capacidade que cada um dos membros possui de não se fechar sobre a sua própria família, reconhecendo a família do outro como fonte de identificação positiva.

O casal de *Origens Falidas* é caracterizado pela existência da combinação de indiferença e de abuso, seja material, psicológico ou sexual, com tentativas recorrentes de alienação de um dos pais ou de uma das famílias de origem. O casal experiencia sentimentos como angústia profunda, terror, desespero e desconfiança.

O casal de *Origens Ambivalentes* é caracterizado por falhas relevantes, como a ausência e o abandono de algum membro. É notória a existência de crises explosivas e outras silenciosas nas relações entre membros do casal e a sua família de origem, existindo também sentimentos de rejeição, hostilidade e confusão, ao mesmo tempo que existem identificações positivas.

Segunda dimensão: formação e desenvolvimento da relação de casal

O casal com *Relação Fecunda* classifica-se pelo investimento recíproco no vínculo, reconhecendo os esforços um do outro independentemente dos seus defeitos. Passa pela expressão de áreas exclusivas do casal e de momentos mágicos (áreas e momentos construídos

pelos dois e dotados de significado pelos dois membros) e pela capacidade de partilhar alegrias, dores, saúde e doença.

O casal com *Relação Falida* caracteriza-se pela existência de tentativas sistemáticas de exploração das fraquezas do outro. O ambiente de humilhação, desprezo e violência física é recorrente, assim como a existência de perturbações na sexualidade do casal.

O casal com *Relação Ambivalente* caracteriza-se por ter uma relação conflituosa, com um sentimento recorrente de perigo. Esta relação caracteriza-se pelos persistentes sentimentos de solidão, isolamento e discriminação resultantes do aprisionamento dos sentimentos, contudo, existem tentativas de libertação, conscientes ou não. O casal possui sérias dificuldades em desenvolver as áreas exclusivas do casal e as vivências conjuntas de alegrias e de dores.

Terceira dimensão: passagem e transmissão à geração seguinte

O casal que apresenta uma *Passagem Fecunda* é capaz de investir no presente-futuro, ligando-o ao passado familiar, ao mesmo tempo que consegue abordar as adversidades presentes. Caracterizam-se pelo modo como conseguem fazer frente às dúvidas e medos, reconhecendo ao mesmo tempo a especificidades de cada filho

O casal que apresenta uma *Passagem Falida* não consegue encontrar uma forma de fazer a passagem, acreditando que cada um deve construir a sua própria vida e que em breve os laços deixarão de existir. Como produto, os filhos acabam por tornar-se uma projeção dos pais, devido à incapacidade parental em lidar com os eventos da vida ou por verem os seus problemas ligados à genética ou às características sociais.

O casal que apresenta uma *Passagem Ambivalente* é representado pelo claro propósito de transmitir valores, quer sejam dos próprios pais, quer sejam das famílias de origem. No entanto, existe um sentimento de dúvida pois o casal teme que não seja suficiente, culpando muitas vezes o fator ambiental pela falta de sucesso o que provoca sentimentos de angústia em relação ao futuro.

Os dados são examinados segundo uma matriz tridimensional (Origens, Relação e Passagem), que varia entre Fecunda, Falida e Ambivalente e origina 27 combinações de perfis prováveis, sendo que cada um dos perfis tem uma sequência específica de valores nas três dimensões.

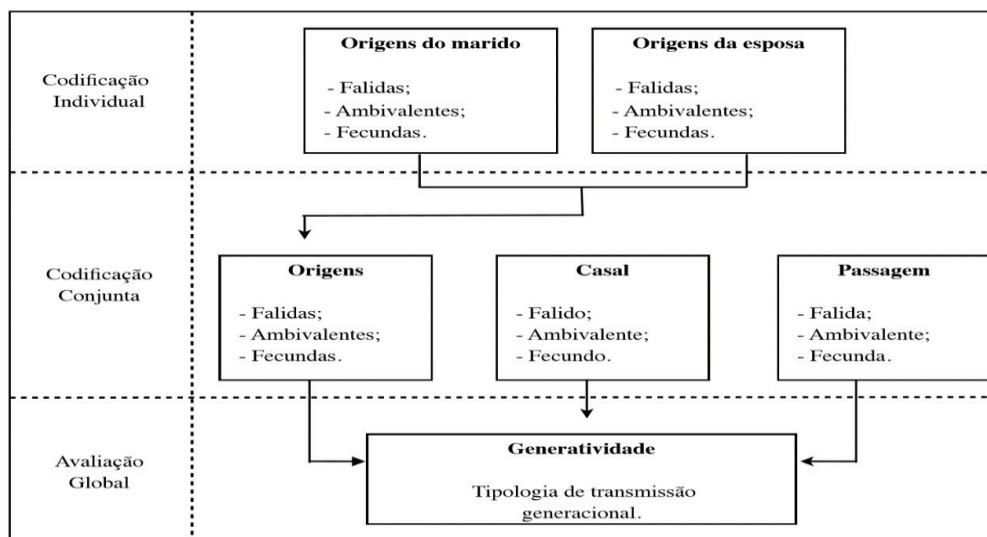


Figura 1: Processo de codificação da generatividade do casal. Cigoli & Tamanza (2009b), p. 95.

Cigoli e Tamanza (2009b) abordam três características que permitem agrupar as 27 combinações possíveis em perfis.

A Composição pode ser homogênea (todos apresentam o mesmo valor), prevalente (apenas dois apresentam o mesmo valor) ou heterogênia (todos têm valores diferentes).

A Direção refere-se à sequência lógico-temporal dos eixos e indica a presença e a direção de transformações. Varia entre perfis sem transformação, com transformação ascendente, com transformação descendente e com transformações constantes (ascendentes e descendentes). A transformação ascendente refere-se há mudança de modalidade, de uma menos funcional para mais funcional e a transformação descendente vai do mais funcional transforma-se em menos funcional.

A Intensidade da Transformação é determinada pela distância entre os valores assumidos nos eixos, que pode variar entre a não variação, a variação mínima (passando, por exemplo, de Falido para Ambivalente), variação máxima (passando, de Fecundo para Ambivalente) e variações múltiplas (uma variação mínima e uma variação máxima).

A classificação dos eixos intersectada com as características de Composição, Direção e Intensidade da Transformação originam as seguintes classificações: Mísero, Bloqueado ou Fértil, quando pelo menos dois eixos tenham a mesma classificação tipológica; Evolutivo ou Falido, quando há progressão na direção de modalidades mais funcionais ou deterioração dos processos construtivos na passagem generacional; ou, Caótico, quando há Composição

heterogénea, Direção contrastante e Intensidade de Transformação múltipla; e Inverosímil, caso haja uma dupla passagem contrastante e de Intensidade da Transformação máxima.

Procedimento

Inicialmente foi explicado aos participantes o objetivo pretendido e assegurada a confidencialidade de toda a informação recolhida bem como o anonimato dos intervenientes. Foi dada a possibilidade de suspensão da entrevista em qualquer momento se os participantes assim o pretendessem e solicitada a gravação em áudio da mesma de forma a agilizar a análise da informação. No final do Eixo B foi solicitado, por parte do casal, a possibilidade de continuar a entrevista num outro dia, por sentirem algum desgaste emocional. A segunda parte da entrevista foi retomada e concluída dois dias depois.

Apresentação e Discussão dos Resultados

Ao contrário do que é habitual, a discussão dos dados é feita em paralelo à sua apresentação, de forma a garantir uma melhor organização da informação, uma vez que o instrumento é muito extenso. A análise dos dados é realizada tendo em conta a classificação da entrevista, segundo o procedimento descrito por Cigoli e Tamanza (2009a, 2009b), apenas através de uma análise de conteúdo, sem suporte informático.

O processo de discussão dos resultados pode ser realizado sob uma base teórica desenvolvida que determine desde logo categorias ou subcategorias ou, por outro lado, estas podem derivar da análise dos dados (Bardin, 1977). Neste projeto a discussão partiu da divisão pré-definida da própria entrevista. As categorias correspondem assim aos eixos da entrevista (Eixo A- Origens; Eixo B- Relação; e, Eixo C- Passagem) e as subcategorias dizem respeito a cada pergunta incluída no referido eixo. Havendo elementos respondidos fora da pergunta original, serão colocados na categoria correspondente.

A codificação de cada categoria foi feita tendo em conta o eixo a que pertence e o número da pergunta, de forma a ser o mais intuitivo possível. Assim, sempre que existir uma referência a uma categoria irá aparecer o indicativo do Eixo e um “P” precedente do número da pergunta correspondente (e.g. AP1). Cada membro do casal é identificado com um nome fictício, nomeadamente “Isaura” e “Eliseu”. Especificamente, no caso do primeiro eixo foi feita uma distinção entre as respostas dos dois elementos do casal¹. Assim, quando for realizada

¹ A codificação AP1Eliseu corresponde ao eixo A, pergunta 1 e a resposta de Eliseu e a codificação AP1Isaura corresponde ao eixo A, pergunta 1 resposta de Isaura.

qualquer referência para esclarecer algum resultado, irá aparecer inicialmente, o identificativo do Eixo, seguido do número da pergunta e por último a inicial da pessoa que respondeu.

Da divisão das categorias e subcategorias, resultou a seguinte tabela que permite perceber a codificação, através do cruzamento do Eixo (Categoria) com cada Pergunta, dando origem à Subcategoria.

De salientar que os estímulos pictóricos não foram incluídos no estudo uma vez que a sua adaptação ainda não foi iniciada (correspondente a A3, A8, A9, B7, C7,C8 e C9).

		Pergunta									
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	
E I X O	A	AP1Eliseu	AP2Eliseu		AP4Eliseu	AP5.1Eliseu	AP6Eliseu	AP7Eiseu			
		AP1Isaura	AP2Isaura		AP4Isaura	AP5.1Isaura	AP6Isaura	AP7Isaura			
					AP5.2Eliseu						
					AP5.2Isaura						
					AP5.3Eliseu						
					AP5.3Isaura						
					AP5.4Eliseu						
					AP5.4Isaura						
		B	BP1	BP2	BP3	BP4	BP5	BP6		BP8.1	BP9
										BP8.2	
	C	CP1	CP2	CP3	CP4	CP5	CP6				

Figura 2: Codificação das Subcategorias.

Eixo das Origens (A)

Todas as categorias serão qualificadas de acordo com a classificação Tipológica e Taxonómica proposta por Cigoli e Tamanza (2009a).

As subcategorias presentes no Eixo A, desdobram-se em APEliseu e APIIsaura. A primeira categoria (Origens) encontra-se dividida em 6 subcategorias que analisam cada um dos cônjuges de forma isolada. A primeira subcategoria (AP1) corresponde à capacidade representacional de cada elemento do casal que inclui componentes afetivos e cognitivos. É sob as respostas a esta subcategoria que nos é permitido compreender a presença ou ausência de ritualismo familiar, juntamente com a subcategoria AP2 (específica do tema ritual). Há uma tentativa de aceder à forma e qualidade da representação das origens dos membros do casal através do conhecimento não só da família, mas também de lugares, tradições, parentes, momentos históricos, relações sociais e gerações precedentes. A taxonomia varia entre a mentalização pobre de conteúdos e existência de afetos carentes e disfuncionais, a mentalização rica de conteúdos e de sentimentos positivos ou ambivalentes, passando pela mentalização de conteúdos e sentimentos duvidosos, contraditórios ou idealizantes.

Na **subcategoria API**, na análise realizada ao discurso de Eliseu é possível compreender que existe capacidade representacional, uma vez que ao longo do seu discurso aborda aspetos da própria relação com os membros da família², momentos históricos³, nível de vida da época⁴ e lembranças positivas de episódios marcantes⁵.

Corresponde a uma classificação “Fecundo”, uma vez que Eliseu tem uma bagagem de memórias que são ricas quer a nível de conteúdo quer a nível de sentimentos e, corresponde à classificação taxonómica “Mentalização rica de conteúdos e de sentimentos positivos”.

No caso de Isaura não se nota a mesma capacidade, em relação à vivência familiar. As situações familiares abordadas, em termos de relações, são pobres e denota-se a existência de sentimentos contraditórios em relação a todos os membros da família, mas mais incisivamente face ao pai⁶. Prevalece também um sentimento de inferioridade relativamente às irmãs⁷, e é denotada muita mágoa relativa ao passado.

As gerações precedentes são abordadas⁸ assim como alguns momentos históricos⁹ dando primazia à questão da emigração, e rituais¹⁰, mas com componente negativa, carácter duvidoso e sentimentos de tristeza associado.

² “[...] Também numa família de 2 irmãs, e eu 3 [...] mas tínhamos uma vida mais ou menos razoável entre todos [...] o ambiente de carinho pela mãe, neste caso, também era muito acessível, e levar sapatadas também levava [...]”.

³ “[...] O meu pai também foi para o Brasil eu tinha 2 anos ou coisa parecida [...] e ele veio e eu já tinha 16 ou 17, já era um moço e já namorava [...]”.

⁴ “[...] Tinha 16 ou 17 anos, eu é que era chefe da casa [...] porque a minha mãe sozinha e as minhas irmãs... eu é que comandava o coisa não é [...]”.

“[...] A minha mãe ainda nesse tempo andava ao jornal no gado e fazíamos 2 terras que tínhamos e a vida era mais ou menos, a vida daquele tempo, mas com dificuldades... a gente não lhe faltava nada do que havia na época... não passávamos fome nem nada, tínhamos uma vida muito acessível, muito razoável [...]”.

“[...]Nesses anos os dinheiros apareciam muito escassos [...]”.

⁵ “[...] depois com 14 anos ou 15 a minha mãe já me deu uma bicicleta nova [...]foi quando eu comecei a trabalhar na oficina lá em Chorento [...]”.

⁶ “[...] do pai paterno falava-se pouco, ela lá de vez em quando acredito que ela me dissesse, ah, “tu tens um pai que está muito longe”, acredito, [...] custou-me muito a adaptação ao meu pai, muito a chamar-lhe pai [...] ele era muito severo em casa, com muita... tinha que ser tudo ao jeito dele, e então começou a exigir que eu lhe chama-se pai muito... muito rápido, não me deu tempo para eu adaptar-me [...]ele perdoou praí umas duas ou três vezes, quando chegou á terceira esquentou-me, olha quando me esquentou, bate-me e aí é que eu ganhei medo ao homem [...]”.

⁷ “[...] Eu como filha mais velha fui mais sacrificada não é... a partir de mim, prontos [...] e notei sempre que [...] havia uma diferença muito grande entre mim e os irmãos [...] o meu pai era assim uma pessoa bastante inteligente, digo inteligente neste aspeto porque teve uma capacidade, depois a partir de mim [...] para lutar na vida e então conseguiu por os quatro filhos que vieram depois de mim, todos estudaram, todos [...]”.

⁸ “[...] a minha mãe então educou-me a chamar, vô Joaquim ao meu avô e a mãe Tina e ela era a mãe [...] também fui sempre muito ligada aos meus tios [...] como eu era a única sobrinha era muito mimada pelos meus tios [...]”.

⁹ “[...] quando eu nasci tinha 2 meses, passado 2 meses o meu pai emigrou para o Brasil e a minha mãe ficou a viver com os meus avós [...]quando se emigrava antigamente, nesse tempo, era só por cartas que se escreviam, e eu fiquei a conhecer o meu pai a partir dos 7 anos [...]”.

¹⁰ “[...] Todos os dias o meu pai na hora do meio dia ia para casa da minha avó que era ao lado e a minha mãe mandava-me ir lá e chamar pelo pai para vir comer, dizia-me assim “olha vai chamar o pai para vir comer, mas chega lá e chama-lhe pai” [...] eu chegava ali á porta da avó, encostava-me à vó, à porta e... e a minha avó é que dizia “o que queres belita?”, e eu dizia “ahh, é para ele vir comer” [risos] “a mãe diz para ele vir comer” e ele, ele

As relações sociais são inexistentes, e os temas rituais e tradições, previstos pelos autores, não emergem, não sendo dada nenhuma indicação da existência dos mesmos. Podemos classificar como “Ambivalente”, com classificação taxonómica “Mentalização de conteúdos e sentimentos duvidosos, contraditórios e idealizantes”.

A **subcategoria AP2**, pretende compreender a existência de rituais no sistema familiar, apelando à descrição de momentos importantes que permitam diferenciar o quotidiano do ritualismo como algo a que se atribui significado e valor com o tempo. A classificação taxonómica abarca a ausência de ritualidade e a ritualidade ativa e reconhecida.

Na família de Eliseu a ritualidade era notória no próprio dia-a-dia¹¹, contudo não foram referenciadas nenhuma situação particulares. É percebido que existiam rituais de família assumidos¹² como as idas á feira para vender produtos que confeccionavam em casa fruto do trabalho entre todos. É também abordado o carácter disciplinado da mãe, em que existiam regras¹³ que eram aceites por todos os membros e que acarretavam recompensas mediante o seu cumprimento (ir ás festas das aldeias). Classifica-se como “Fecundo”, e a nível taxonómico “Ritualidade social participativa”.

No caso da família de Isaura, a ritualidade é pouco manifesta e nem parece ser reconhecida como tal. A pergunta é respondida com base nas recordações, quer positivas, quer negativas, e na descrição do que acontecia na época, nomeadamente naquilo que eram as intransigências do pai e, que por sua vez dificultavam a sua participação nos eventos com as suas amigas¹⁴. Refere ainda a ida à festa das cruces como um evento em que participavam mas reforça que apenas podia ir porque era uma festa que o pai apreciava¹⁵.

chamava por mim e eu calava-me... custava-me muito muito dizer pai, porque para mim o pai era o pai Joaquim [...]”.

¹¹“Eliseu [...] a gente vivia a vida de casa, ia-se para ir para a igreja todos iam para a igreja, ia-se para as festas todos comemoravam, havia um ritmo de concentração entre todos [...]”.

¹²“Eliseu [...] Eu ia daqui para Barcelos com um saco de feijão às costas, porque era dia de feira, porque a minhas mãe vendia assim às tendeiros, um bocadinho de feijão, ovos e sei lá... lá ia eu daqui para Barcelos a pé, tau tau tau tau, chegava a Barcelos lá e vendia os feijões, e todas as quintas feiras havia sempre assim uma coisa para levar para a feira [...]”.

“Isaura [...] e às quintas feiras ia à feira, e as tuas irmãs também [...]”.

¹³ “[...]eu e as minhas irmãs, brincava-se com os vizinhos, com os amigos e muita rapaziada... e á hora tínhamos que vir embora, a mãe chegava com o jornal, e á tarde tinha que ter o trabalho pronto e se não tivesse havia disciplina, porrada ou qualquer coisa [risos]. Mas... um sabia que quando chegasse da escola tinha de ir apanhar um bocado de qualquer coisa para por nas ovelhas, e astrar o gado, depois...apanhar erva ou mais isto ou mais aquilo, porque ela chegava à noite do jornal [...] a minha mãe era bastante disciplinada ao mesmo tempo, não era que nos deixasse ir (ás festas) de qualquer maneira [...]”.

¹⁴ “[...]Depois havia estas festas das cruces, e eu dava-me muito bem com as moças de Chorente e lá me preparava, , fazia sempre um vestidinho ou isto ou aquilo para ir para a festa, mas chegava ao dia e olha.. elas iam todas e eu não ia [...]”.

¹⁵ “[...] ele gostava muito das cruces o meu pai, e então era a única festa que ele gostava de ir e levava-nos , e então ia eu e a canalha, íamos todos [...]”.

Tipologicamente é “Ambivalente” e taxonomicamente corresponde a “Ritualidade fraca, incerta e contraditória”.

A **subcategoria AP4** diz respeito à existência de regras que restringem e envolvem a vida dos vários membros familiares e as suas relações com o mundo exterior, ou seja, a dimensão normativa. A classificação vai desde a falta de regras ou da existência de regras repressivas até à sua presença construtiva, passando pela formalidade da regra.

Como é sabido, o meio-sociocultural envolvente na época pautava-se pela dominância confinada à figura paterna, o que fazia com que as regras e normas de funcionamento familiar fossem da sua responsabilidade concedendo ao marido supremacia sobre mulher e filhos. Não obstante, e apesar de ambos os cônjuges partilharem história de emigração da figura paterna em tenra idade, é encontrado um cenário diferente em cada um dos casos.

No caso de Isaura como o normal da época, era o pai a determinar as regras, havendo uma grande intransigência e rigidez na formulação das mesmas que redundava numa dominância da figura paterna em relação aos filhos e em relação à esposa¹⁶ (não permitia que mantivesse uma atividade laboral) pelo que se pressupõe que não existissem negociações/discussões das mesmas. Contudo, na subcategoria precedente expõe que na ausência do pai, existiu uma situação em que a mãe quebrou uma das regras impostas a Isaura¹⁷. Podemos considerar “Falido”, correspondendo à existência de regras opressivas e muito rígidas por parte do pai de Isaura e a classificação taxonómica é “Existência de regras rígidas e opressivas”.

No caso de Eliseu, devido ao fator de emigração do pai, foi a mãe que ficou encarregue de formular as regras de funcionamento da família¹⁸, sendo uma exceção para o que acontecia na época. Aquando da chegada do pai a Portugal, essa tarefa continuou a ser da mãe, contudo, as regras existentes não eram prescritas e eram mais ligadas à componente familiar¹⁹. Considera-se “Ambivalente”, pela existência de regras formais, no entanto estas não são reconhecidas como regras, uma vez que há consciências de que as regras têm que ser cumpridas,

¹⁶ “[...] Quem ditava as regras na minha casa era tudo o meu pai, o meu pai é que mandava... era ele que mandava... o meu pai é que ganhava o dinheiro, o meu pai nunca quis, ele nunca quis que a minha mãe trabalhasse [...]”.

¹⁷ “[...]o meu pai “não sais mais de casa” [...] mas vinha ali de vez em quando a correr, que a minha mãe deixava-me vir a correr quando ele saía e ia trabalhar não é, minha mãe deixava-me vir a correr [...]”.

“[...]O meu pai era um bocadinho severo e a minha mãe teve assim um bocadinho uma vida difícil [...]”.

¹⁸ “[...] era a minha mãe, até aquela época em que o meu pai chegou até aquela época dos 14 anos [...] depois ele chegou e criou-se também um bocadinho de uma difusão. Porque a minha mãe é que mandava não é... ele... também se começou a habituar ao sistema [...]”.

¹⁹ “[...] o ambiente de casa, o que dizia respeito à minha mãe a minha mãe continuou com o mesmo ritmo e vivia-se bem [...]”.

mas não há uma compreensão do motivo subjacente, e a nível taxonómico considera-se “Presença de regras formais não interiorizadas”.

As perguntas da **subcategoria AP5** foram realizadas todas em simultâneo, o que pode comprometer a profundidade das respostas e que se constituiu como uma limitação em termos de riqueza de conteúdo. Não obstante, as subcategorias vão ser descritas e analisadas de forma isolada. A subcategoria permite caracterizar as relações com as origens (mãe, pai e irmãos) ao nível do sentimento que foi experienciado. A classificação prevista está entre o carente/instrumental, o construtivo/expansivo, e o duvidoso e contraditório.

Da análise de conteúdo ao discurso de Eliseu foi-nos permitido compreender que havia uma conceção positiva sobre a relação mantida com a mãe de Eliseu. A ligação era sentida como muito próxima, também derivado à ausência de largos anos por parte do pai²⁰. No entanto, não é feita nenhuma referência a passagens ilustrativas dessa relação, apenas é denotada pelo discurso de Eliseu. Classifica-se como “Fecundo”, correspondente a uma classificação taxonómica “Construtivo e expansivo”.

Como referido previamente, a relação com o pai é marcada pela ausência durante os primeiros anos de vida de Eliseu²¹ o que trouxe como consequência uma maior dificuldade de criar vínculo afetivo com o mesmo, e por isso é descrita de forma muito genérica. Classifica-se como “Falida”, e a nível taxonómico como “Carençial e instrumental”.

No que concerne à relação com os irmãos é vista apenas sobre o ponto de vista da entreatajuda no que concerne às responsabilidades deixadas pela mãe²², aliando algumas memórias a esse nível²³ e, referindo, ainda que vagamente, momentos em que existiam brincadeiras entre todos, mas mais tarde é relatado um afastamento progressivo devido à sua emigração. Classifica-se como “Ambivalente”, correspondente a uma classificação taxonómica “Duvidoso e Contraditório”.

Eliseu não faz nenhuma referência a outras pessoas significativas no seu percurso de vida, apesar de ter sido feito um reforço da pergunta, pelo que não é permitido fazer qualquer tipo de classificação.

²⁰ “[...] na minha infância a relação com a minha mãe também era não é... ela era única [...]o estar habituado à mãe, não tem palavras, era tudo [...]”.

²¹ “[...] Com o meu pai já disse que foi perdida por causa desta ausência [...]”.

²² “[...] A relação com as minhas irmãs... ora bem, era um bocadinho diferente, porque eu era o único rapaz [...] mas vivíamos mais ou menos bem, de vez em quando haviam umas trapalhadas mas é próprio [...] Aquela criança dava-se toda bem, não dava muito para chatear [...]”.

²³ “[...] eu tinha de fazer aquilo, ou a outra aquilo e depois tínhamos todos que ajudar para chegar à hora e estar tudo combinado [...]”.

“[...] mas metia-se era na brincadeira. Não ia para lado nenhum, não ia buscar nada, depois pegava no que tinha em casa punha uns coisões por baixos, duas podas e parecia um monte grande [risos] quando ela vinha a descobrir ó carago [...]”.

Da análise de conteúdo às respostas de Isaura, é possível compreender que a relação com a mãe é descrita como uma relação próxima e confidente²⁴, considerada o oposto da relação que mantinha com o pai, uma vez que é notória, ainda que não seja diretamente proferido, a mágoa no que concerne à primeira infância. Há uma contração evidente pois Isaura refere que mantinha uma relação muito boa com a mãe, no entanto, refere que sentia que a mãe não totalmente verdadeira com ela²⁵, sobretudo no momento em que o pai regressa do Brasil e a sua mãe lhe impõe que o trate por “pai” mas não lhe explica que se não o fizer poderá ter consequências²⁶. Classifica-se como “Ambivalente” e a nível taxonómico “Contraditório”.

A relação com o pai, não é aprofundada nesta questão, contudo existem excertos do seu discurso noutras perguntas que permitem compreendê-la. O discurso de Isaura aparece muito marcado pelo sentimento de desprezo por parte do pai²⁷, que acabou por marcar a relação posteriormente, e pelos sentimentos contraditórios na relação com o pai, algo de que tem consciência pois dota-o de qualidades ao longo da entrevista, apesar de referir que foi a filha que teve mais sofrimento na criação do vínculo²⁸. Corresponde a uma classificação “Falida”, uma vez que Isaura tem consciência de que a sua relação com o pai nunca teve um caráter positivo, não havendo memórias afetivas associadas, o que corresponde à classificação taxonómica “Carenencial”.

Com as irmãs, apesar de algumas vezes fazer alusão a recordações positivas, o discurso é pautado por elevada frieza emocional, consequência do sentimento de inferioridade relativamente às irmãs²⁹, no que concerne ao vínculo que estas criaram com o pai e pelas oportunidades de estudo que usufruíram³⁰. É claramente notado o sentimento de mágoa relativo à falta de oportunidade para estudar, contudo todas estas conclusões foram retiradas através do discurso noutras subcategorias onde Isaura refere que tentou oferecer aos seus filhos todas as

²⁴ “[...] Na minha infância sim, era muito boa, era muito boa... até eu ir para o Canadá. Eu era a mais velha era com quem ela confiava sobre tudo [...]”.

²⁵ “[...] uma coisa que a minha mãe tinha e teve toda a vida para comigo, nunca foi uma pessoa pura [...] nunca foi verdadeira [...]”.

²⁶ “[...] não me dizia assim, “olha vamos fazer isto porque ele é teu pai e se tu não fazes isso ele pode-te bater [...] nunca foi verdadeira [...] não me dizia a verdade, o que é que poderia, as contras [...]”.

²⁷ “[...] Ai com o meu pai foi fria, até eu crescer e até quando eu vim do Canadá [...] no início não sei se era para me atacar ou coisa assim, às vezes dizia “ahh, faz muita diferença, faz muita diferença os filhos que nascem com os pais á beira” [...] “ahh, as mijadelas que os pais pilham de noite, tudo isso tem muito sentido, tudo isso tem muito sentido”, como comigo não tinha nada disso... [...]”.

²⁸ “[...] eu como filha mais velha fui mais sacrificada [...]”.

“[...] para mim o meu pai por muitos anos foi um fantasma, era uma pessoa que eu ganhei medo dele mesmo, era uma pessoa que... prontos, que me custava [...]”.

²⁹ “[...] elas vêm tudo de uma maneira diferente para os outros [...] totalmente diferente da que vêm para mim [...] fico muito triste [...]”.

³⁰ “[...] só não estudei porque não consegui [...]”.

oportunidades de estudo contrariando aquilo que os seus pais fizeram consigo. Classifica-se como “Ambivalente” e corresponde à classificação taxonómica “Duvidoso e Contraditório”.

Na sua infância e adolescência há referência de uma figura particularmente significativa. Refere, de forma fugaz, como figura importante para si a senhora que a ensinou a costurar³¹, alegando que mesmo depois do pai a proibir de continuar a aprender a costurar, essa senhora se disponibilizava a ajuda-la (quando a mãe permitia que ela fosse à sua freguesia sem conhecimento do pai). Classifica-se como “Fecundo”, que corresponde a uma classificação taxonómica “Construtivo e expansivo”.

A **subcategoria AP6** visa a compreender se existiu identificação, aprendizagem e transferência das vivências conjugais com o casal da geração precedente, permitindo compreender se houve interiorização ou recusa das mesmas. A classificação vai da desvalorização até à valorização, e poderá ser também idealizantes, da imitativas e, contradependentes.

Eliseu relata o que parece ser uma clara negação ao modelo conjugal parental³². À medida que esta dimensão vai sendo explorada, é notória a negação ao modelo praticado pelos progenitores, evidenciando-se tipo de comportamentos, atividades e discursos distintos³³. O fato do pai estar durante largos anos emigrado fez com que desconhecesse e a forma como ambos modelavam as suas vidas enquanto casal e enquanto pais. Apesar de haver uma rejeição do modelo é visível, tendo em conta o percurso de vida de Eliseu, uma imitação do modelo nomeadamente no percurso migratório, ainda que não seja reconhecido como tal. Considera-se, assim, que tipologicamente se classifica como sendo “Falido”, correspondendo à classificação taxonómica “Desvalorização”.

Isaura tem um discurso que à primeira vista parece indicar uma clara desvalorização e negação do modelo conjugal parental, alegando que tentou agir de forma diferente nos assuntos que achou que os pais não adotaram a melhor estratégia³⁴. Em relação à relação de casal é reconhecido o abandono do modelo conjugal parental, ainda que não tenha elucidado a sua causa³⁵. Contudo, ao longo da exploração da questão, é notória uma contradição no discurso de Isaura, uma vez que à primeira vista parece existir uma negação completa do modo de vida dos

³¹ [...] era uma costureira que era conhecida por todos aqui por estes arredores [...] e andei a aprender ali algum tempo [...] foi muito minha amiga esta senhora [...].

³² “[...] nunca fiz como eles fizeram [...] não temos esses jeitos que os nosso pais tinham, nem como meu pai e a minha mãe nem com o pai dela com a mãe dela, não fazemos essas coisas [...]”.

³³ “[...] ahhh, a vida de casa, o falar, o sair os dois coisa que nós saímos sempre eles não faziam [...] os antepassados [...] não se ia jantar fora como agora se vai [...]”.

³⁴ “[...] já seguimos uma vida diferente [...] aquilo que eu nunca gostei que ele fez para mim eu também nunca pratiquei para os meus filhos [...]”-

³⁵ “[...] em termos de casal também não, no fundo também não [...]”.

país, mas no entanto, quando é confrontada com um reforço da pergunta, devido à dispersão no tema, garante que aprendeu e retirou vários ensinamentos da forma de ser do seu pai³⁶. Considera-se a classificação tipológica “Falido”, no entanto a classificação taxonómica “Desvalorização”, tendo em conta a sua descrição, não se enquadra totalmente naquilo que é representado, contudo é a única possível.

A **subcategoria AP7** pretende explorar a transferência entre os pais e as respetivas famílias de origem. A classificação poderá indicar a falta de recordações, a existência de recordações dolorosas ou recordações construtivas, ou a contradição e dúvida.

Eliseu não tem recordações precisas das gerações passadas, consequência de falecimentos precoces e ausências fora do país, mais precisamente dos avós e tios³⁷. O discurso não se centra na família de origem, acabando por haver referência de outros membros da família, como os tios, tanto maternos como paternos, de quem relata ter conhecimento mas com quem também não manteve contacto³⁸, fazendo transparecer, uma vez mais, a questão da emigração. Eliseu elenca algumas pessoas da sua família contudo apenas refere que as relações são pobres³⁹ não tendo recordações das mesmas. A nível Tipológico considera-se “Ambivalente”, uma vez que as lembranças são escassas e vagas, e a nível taxonómico corresponde a “Contraditório”.

No caso de Isaura, há uma clara exposição de relações positivas, principalmente com os avós maternos⁴⁰ e existe também discurso de dinâmicas positivas⁴¹, referindo a existência de contacto frequente entre a sua mãe e a sua avó e, a prestação de cuidados à mesma, em idade avançada. Considera-se a classificação “Fecundo” uma vez que as relações são consideradas positivas e produtivas, correspondendo assim à classificação taxonómica “Construtivo”.

A Classificação Tipológica da Eixo A encontra-se resumida na Tabela 1.

³⁶ “[...] para mim o que foi essencial na vida de casal foi o ser... eu herdei isto do meu pai... foi ser uma pessoa de olhar muito para o futuro [...] uma pessoa com a perspectiva de olhar sempre para o futuro, não ser uma pessoa parada [...] e de ser poupada [...]”.

³⁷ “[...] Eu tive sempre a minha avó paterna... que morreu eu era novito, tinha 10 anos, não estou bem preciso... A minha avó materna também morreu tinha eu aí uns 15 anos [...]”.

³⁸ “[...] o meu avó paterno nunca o conheci [...] foi para o Brasil e ficou, morreu lá [...] O avó paterno nunca o conheci, vivi sempre com a minha avó paterna [...] Eu também não conheci o meu visavô, não me lembro dele... já tinha morrido [...] Os meus tios [...] irmãos da minha mãe, a mesma coisa, conheci um, dois e os outros foram não sei para onde novos e estavam para lá [...]”.

³⁹ “[...] mas havia um corte... uma relação muito fraca entre os familiares [...]”.

⁴⁰ “[...] Muito boa, muito boa, muito boa [...]”.

⁴¹ “[...] Eles (avós maternos) vinham a nossa casa todos os dias até serem velhinhos, até quase não poder, quase a morrer [...] Depois a minha mãe acabou por tratar dos meus avós e um tio que morava mesmo porta com porta... uma semana cada uma, a minha mãe ia lá dormir [...]”.

Subcategoria	Classificação
AP1Eliseu	Fecundo
AP1Isaura	Ambivalente
AP2Eliseu	Fecundo
AP2Isaura	Ambivalente
AP4Eliseu	Ambivalente
AP4Isaura	Falido
AP5.1Eliseu	Fecundo
AP5.1Isaura	Ambivalente
AP5.2Eliseu	Falido
AP5.2Isaura	Falido
AP5.3Eliseu	Ambivalente
AP5.3Isaura	Ambivalente
AP5.4Eliseu	Não classificada
AP5.4Isaura	Fecundo
AP6Eliseu	Falido
AP6Isaura	Falido
AP7Eliseu	Ambivalente
AP7Isaura	Fecundo

Tabela 1: Classificação Tipológica de cada Subcategoria do Eixo A.

No Eixo A, o casal é classificado como sendo de “Origens Ambivalentes”. Há ausência de elementos significativos em ambos os membros do casal, nomeadamente da figura paterna durante grande parte da infância e estão associados sentimentos de recusa, hostilidade e confusão em relação às famílias de origem dos próprios e dos cônjuges e ao mesmo tempo denota-se uma perceção de divisão do mundo em duas partes, uma parte boa e uma parte má e perigosa para a relação. A parte boa refere-se à capacidade de ver as especificidades da família de origem para além dos antecedentes e recordações menos positivas, que geram angústia e confusão e se assumiram como perigosas na relação.

Eixo do Casal (B)

A segunda categoria foi desenvolvida para analisar o casal, no que concerne à origem, ao reconhecimento e às dinâmicas de casal, e encontra-se dividida em 8 subcategorias. A **primeira subcategoria (BP1)** tenta compreender a história inicial do casal, podendo ser classificada como uma necessidade, por acaso ou ser algo cultivado ao longo do tempo.

Ambos concordam que o encontro foi uma coincidência. Claramente não existe a busca e a imaginação da pessoa certa⁴² resultando num desinvestimento. O casal não se alongou na descrição do encontro, explicando apenas as circunstâncias⁴³ em que se conheceram e sem descreverem os sentimentos que pudessem estar envolvidos. Considera-se a classificação “Ambivalente” e a classificação taxonómica “Por acaso”.

A **subcategoria BP2** permite compreender a capacidade que o casal tem de distinguir o encontro da formação do laço que os une. Pode existir indicações de que não há distinção, de que há uma identidade de casal carente ou que existe a procura de uma identidade de casal (sentimento do “nós”).

O casal não consegue fazer a distinção entre o encontro e a formação do laço⁴⁴. Não encaram o “encontro” de forma simbólica, mas sim o encontro respeitante ao contacto e ao convívio entre ambos. Sob esta perspetiva, há uma mera descrição das limitações e impedimentos no encontro⁴⁵, tais como a impossibilidade de se verem e estarem juntos a todo o momento e os esforços que tinham que realizar para poderem encontrar-se, contudo não são associados sentimentos envolventes. À semelhança da subcategoria anterior as respostas são pouco concretas sendo a maioria das vezes meramente descritivas.

A classificação é “Falido” e considera-se a classificação taxonómica é “Não há distinção do encontro e do laço”.

A **subcategoria BP3** diz respeito à capacidade do casal de identificar e reconhecer as expectativas e necessidades, ligadas ao laço e ao encontro. A classificação taxonómica pode variar entre a “falta de reconhecimento das expectativas e necessidades do outro” ou o “reconhecimento das expectativas e necessidades do outro” passando pelo “reconhecimento parcial das expectativas e necessidades do outro”.

O casal responde de forma muito genérica, identificando aspetos que apreciam um no outro⁴⁶, não fazendo referências concretas às expectativas e necessidades do outro. A resposta torna-se muito curta, o que pode demonstrar um não entendimento da pergunta e/ou uma recusa

⁴² “Isaura [...] eu digo que, o casar e o escolher a pessoa certa... não existe a pessoa certa, pessoa certa é muito difícil de encontrar, eu penso que é muito difícil, a pessoa é que tem que se ajustar uma á outra [...]”.

⁴³ “Isaura [...] ele foi para lá para Chorento aprender então a arte de carpintaria porque o meu tio tinha uma carpintaria [...] e depois eu andava por ali não é [...] e começou a andar atrás de mim. Foi assim o nosso conhecimento, foi o ele ir para lá trabalhar”.

⁴⁴ “Eliseu [...] ora bem uma das coisas que marca um bocadinho o encontro de qualidade é o desvio num espaço grande de tempo. Uma pessoa está sempre [...] está sempre desejado por encontrar [...]”.

⁴⁵ “Eliseu [...] Naquele tempo havia uma coisa de vir até ali ou assim e à noite saía e sabia que ela costumava ir por ali [...] mas havia aquela falta de comunicação [...] era só à quinta feira e ao domingo [...] ela só tinha permissão à quinta feira e ao domingo, agora nos outros dias se era apanhada já pagava multa”.

⁴⁶ “Isaura [...] ora bem, eu encontrei [...]”.

“Eliseu [...] Eu encontrei. Mas depois as vidas começam a ser diferentes [...]”.

de a tentar interpretar. Apesar de identificarem aspetos que gostaram um no outro aquando do encontro, não conseguem projetar as expetativas e necessidades quer em si, quer no seu cônjuge. A classificação é “Falido”, que correspondente à classificação taxonómica “Falta de reconhecimento de necessidades e expectativas às quais o outro responde”.

A **subcategoria BP4** visa a compreensão da relação entre as expetativas dos cônjuges e ao nível de satisfação com as mesmas. A nível taxonómico pode variar entre ou a desilusão ou conseguida parcialmente ou conseguida positivamente.

Inicialmente há uma demora em responder á questão e uma tentativa de “brincar” com a pergunta, o que indica intenção de fuga à mesma. Houve a necessidade de reforço da pergunta o que demonstrou a existência de uma clara tentativa de sobreposição de Isaura e de contradição. Esta tem a necessidade de reforçar a sua importância na mudança de alguns comportamentos do marido⁴⁷ e desvalorizar o marido em aspetos sociais⁴⁸. É notório algum conflito resultante da divergência de opiniões, sentido através do ténue protesto da sua parte⁴⁹. Contudo, Eliseu assume uma postura passiva, permitindo que Isaura exponha a sua opinião, à semelhança do que acontece noutras subcategorias.

A ideia de que o encontro foi casualidade pode não traduzir a realidade, uma vez que parece existir uma busca inconsciente, por parte de Isaura, de alguém que a deixa-se assumir o papel principal na relação. Este aspeto foi percebido na fase da adolescência, onde foi Eliseu que tentou captar a atenção dela⁵⁰, de onde resulta a ideia de que seria uma pessoa com o padrão de que ela desejaria ter.

No discurso de Eliseu este parece concordar com a esposa no que respeita ao alcance das expetativas traduzindo-se na apropriação do que a esposa narra. Não obstante, existem passagens do seu discurso que parecem ser indício de que não está completamente satisfeito com a dinâmica familiar⁵¹.

Ambos referem ter correspondência nas suas expetativas, mas apesar disso não são capazes de as indicar correspondendo a uma classificação “Ambivalente” e á classificação “Conseguida Parcialmente”.

⁴⁷ “Isaura [...] porque ele deixou-me guia-lo, guia-lo está a entender [...] porque eu fui o braço direito dele [...]”. [...] eu fui que te tirei este habito [sair de casa sem dizer nada], agora tu podes estar esquecido mas eu lembro-me bem [...] eu fui que corriji o meu marido neste ponto [...]”.

⁴⁸ “Isaura [...] os conhecimentos que ele teve, que ele fez foi tudo através de mim [...] eu fui que fiz as minhas amizades, foi que fiz tudo e depois através dos filhos, escola e tudo e pronto e depois era meu marido não é... depois eu apresentava o meu marido [...]”.

⁴⁹ “Eliseu [...] Não sei porque é que estás a dizer isso [...] oh, isso não é conversa [...]”.

⁵⁰ “Isaura [...] ele começou a andar atrás de mim [...]”.

“Eliseu [...] eu lembro-me que já ia para a escola para Chorenta fazer exames e parece-me que já te via lá [...]”.

⁵¹ “Eliseu [...] Eu encontrei. Mas depois as vidas começam a ser diferentes [...]”.

A **subcategoria BP5** permite aceder ao que o casal encontrou de novo e inesperado um no outro. A descoberta de algo imprevisto pode colocar em perigo o laço contruído, pode levar ao ataque do laço ou, por outro lado, que o laço se intensifique e renove.

Ambos apresentam no seu discurso evidências seguras de que descobriram aspetos um no outro que renovaram e intensificaram o laço⁵², contudo Isaura acaba por assumir que só conheceu verdadeiramente o seu marido após o casamento⁵³. São referidas qualidades referentes à relação de casal e relação parental, contudo são meramente descritas e não associadas a sentimentos. A resposta dada pelo casal transmite a ideia de que estes não conseguem distinguir o laço no seu significado mais profundo daquilo que seria o esperado naquela época.

Há, novamente, uma tentativa de sobreposição de Isaura, desta vez pela necessidade de expor a não valorização do seu marido às ajudas que esta lhe deu a tornar-se numa pessoa melhor⁵⁴. Apesar de não ser diretamente proferido, existem passagens ao longo da entrevista que transparecem a necessidade que Isaura tem de ser valorizada, quer seja pelas intensas autoavaliações positivas que faz de si mesma, quer pela queixa da falta de valor por parte dos outros.

O casal apresenta um nível de evolução consciente da sua relação e um reconhecimento de aspetos novos que fortificaram a relação ao longo do tempo. Considera-se a classificação “Fecundo” e a nível taxonómico “Novidades que validam o laço”.

A **subcategoria BP6** confronta o casal com as fases difíceis da relação. Visa a capacidade de reconhecer e identificar os momentos e a forma como foram enfrentados. Ao analisar esse reconhecimento confrontamo-nos com o empenho no laço existente, sentimentos de desconfiança, impotência, angústia pela perda ou de transformação construtiva. A classificação taxonómica pode ser “impossibilidade de enfrentar a crise” ou “dificuldades relevantes com risco para o laço, mas com tentativa de resolução” ou “dificuldades enfrentadas dando primazia aos aspetos novos no laço”.

⁵² “Eliseu [...] encontrei coisas muito boas, claro que encontrei [...] uma mulher de casa, uma mulher com muito jeito para casa, para todos, para mim [...] sempre bem preocupada que eu andasse bem vestido [...] e quando uma mulher cozinha e tem esses dotes todos, um homem [...] já sente logo um ambiente [...]”.

“Isaura [...] eu achei um bom pai, um bom pai, um bom marido no fundo não é, é o que eu tenho a dizer... eu digo sempre coisas boas dele, ele diz sempre coisas más de mim [...]”.

⁵³ “Isaura [...] eu só o conheci a parte dele calma porque eu não tive tempo para o conhecer quando era solteira. Não tive tempo e não tive oportunidades [...] eu era uma outra pessoa que ele não sabia que eu era também, nós conhecemo-nos sem nos conhecer bem, nós conhecíamos-nos fisicamente não interiormente [...]”.

⁵⁴ “Isaura [...] ele nunca me disse um obrigada de nada [...]”.

A interpretação inicial da pergunta é feita por Isaura, que atribuí um significado associado à traição no casamento⁵⁵. Esta reação pode ter a ver com o facto de numa das alturas mais difíceis da vida de casal, a emigração (como irá ser abordado mais à frente) Eliseu ter trabalhado com várias mulheres. Pode ainda existir ressentimento ou dúvida dessa situação e por isso Isaura ter a necessidade de a expor ao cônjuge. Devido à extrapolação da verdadeira intenção da pergunta, houve a necessidade do reforço da mesma, o que trouxe clara identificação de que a fase mais complexa e difícil para o casal foi a emigração para o Canadá⁵⁶, principalmente no início da atividade laboral devido à dificuldade do trabalho, aos companheiros de trabalho e aos horários de trabalho⁵⁷. São reconhecidos que todos os aspetos envolvidos na emigração dificultaram, nos primeiros anos, a relação do casal. O nascimento dos filhos e as dificuldades associadas⁵⁸, a dificuldade de conciliar a atividade laboral com a educação dos filhos levou a que os problemas de saúde⁵⁹ começassem, o que comprometeu a continuação no seu trabalho e, conseqüentemente a qualidade da relação de casal.

Ao longo do discurso, mais uma vez, somos confrontados com a sobreposição do discurso de Isaura, ficando assim a opinião do cônjuge incompleta. É evidente, ainda que com algumas reservas, a carência de sentimentos associados aos eventos de vida negativos, sendo apenas descrita a possibilidade de enfraquecer a relação⁶⁰, mas nunca relatada a hipótese de rutura da mesma. São identificadas e reconhecidas dificuldades, considerando-se como sendo de tipologia “Ambivalente” muito pelos indícios não concretizados da traição e a nível taxonómico “Dificuldades relevantes com risco sério para o vínculo, mas com tentativas de resolução”.

⁵⁵ “Isaura [...] Mas é o que a menina se está a referir, se tivemos atritos no casamento. Ela está a perguntar se tu me puseste os cornos [...]”.

⁵⁶ “Eliseu [...] talvez a passagem... sim porque eu só estive casado aqui um ano depois fomos para o Canadá, e essa passagem foi um bocado difícil para a parte dela [...] eu até encontrei o primeiro trabalho logo e ela também, mas foi difícil e depois havia atritos muitas vezes nesse aspeto [...]”.

⁵⁷ “Eliseu [...] eu comecei a trabalhar mais no meu ramo e ela também mas noutra ramo. Os ramos dela de trabalho eram mais difíceis de se concentrar e depois ela também era uma pessoa mais difícil para se concentrar e chegava a casa e havia uma salganhada [...]”.

“Eliseu [...] e um trabalho mais complicado... [...] e mulheres juntas, umas com as outras e é o diabo [...]”.
 “Isaura [...] uma mulher lá que trabalhava muito mais que um homem [...] quando eu trabalhei numa fábrica que começava às 3 e meia da tarde e vinha era 23:30 e chegava a casa à meia noite... [...]”.

⁵⁸ “Isaura [...] passamos por uma fase difícil porque o meu filho dormia muito pouco desde o nascimento. Era uma criança que descansava mal e foi uma fase muito difícil [...] o Eliseu até trabalhava bastante longe e eu tinha que acordar porque o miúdo também acordava e pronto não dormia nada [...]”.

⁵⁹ “Isaura [...] conclusão, comecei a ficar muito doente, andei assim muito tempo, comecei a ficar doente e pronto cansava-me [...] já tinha deixado a fábrica e fui para o colégio e, depois [...] perguntei se não queriam que eu lhes fosse limpar a casa [...]”.

⁶⁰ “Eliseu [...] o ambiente de cabeça, para a pessoa chegar a casa e ter uma consideração, um encontro com o marido foi-se... [...]”.

A **subcategoria BP8** versa sobre a relação entre os elementos do casal e as famílias de origem do cônjuge, nomeadamente no que diz respeito à proximidade-distância entre as gerações. Numa segunda instância, o comentário do cônjuge pode traduzir sentimentos de refutação, de distanciamento e de diferenças cruciais em relação às origens ou de acolhimento por parte da família e distância respeitosa da autonomia e identidade do cônjuge). Desdobra-se em BP8.1 e BP8.2.

Nesta subcategoria, mais uma vez, a informação deve ser interpretada à luz do meio-sociocultural, aspeto este que também é salientado pelos próprios participantes⁶¹, considerando que têm consciência das diferenças da época. Muita da informação acaba por ser desvendada ao longo das perguntas anteriores. À luz do que era normativo da época, Isaura apenas conheceu os sogros no dia do casamento⁶² e, a relação era inexistente. Atribuí características pessoais negativas principalmente ao sogro⁶³ e ao longo do seu discurso alega que a relação de ambos era fria⁶⁴. Revela que nutre um sentimento positivo por ambos⁶⁵, contudo aponta características ambivalentes ao sogro⁶⁶. Relativamente à sogra há indícios, tendo em conta a forma como se refere a ela, de que a conceção que tem dela possa ser resultado da sua identificação com a própria mãe, que viveu a mesma situação de emigração do marido e por isso teve de assumir o papel parental sozinha⁶⁷.

No caso de Eliseu a história não se repete da mesma forma, uma vez que este conheceu os pais de Isaura ainda estes não mantinham nenhuma relação. Conheceu-os quando foi trabalhar para a aldeia onde vivia Isaura e os seus pais, na carpintaria de um tio de Isaura⁶⁸. A relação com os sogros era considerada cordial⁶⁹, contudo não existia permissão de frequentar a sua casa, antes do casamento⁷⁰. Não obstante, havia uma relação mais próxima com a avó materna e os tios de

⁶¹ “Eliseu [...] Nesses tempo não havia assim... não digo abuso mas essa coisa dos namorados ir a casa e conhecer os pais [...]”.

⁶² “Isaura [...] Só conheci mesmo os meus sogros no dia do casamento, mesmo mesmo no dia do casamento foi quando eu os conheci [...]”.

⁶³ “Isaura [...] O meu sogro é uma pessoa diferente prontos, é uma pessoa muito introvertida, muito [...] é diferente pronto [...]”.

“Isaura [...] gostei sempre muito da minha sogra e gosto muito do meu sogro [...]”.

⁶⁴ “Isaura [...] a minha relação com os meus sogros era uma relação fria [...] dava-me bem com eles não é, mas era uma relação fria [...] desde que a minha sogra faleceu, eu nunca mais meti os pés na casa do meu sogro [...]”.

⁶⁵ “Isaura [...] gostei sempre muito da minha sogra e gosto muito do meu sogro [...]”.

⁶⁶ “Isaura [...] é muito senhor do seu nariz [...] vê-se que é um homem sem afeto, é um homem frio, ele sente-se bem só, ele quer estar só, ele não quer ninguém a fazer-lhe perguntas, se a gente lhe faz perguntas [...]”.

⁶⁷ “Isaura [...] a minha sogra era trabalhadora [...] a minha sogra fazia de mãe e de pai, era uma grande mulher [...]”.

⁶⁸ “Isaura [...] Ele conhecia os meus porque trabalhava lá nos meus tios em Chorente não é, conhecia os meus pais, mas não... não é que tivesse assim relacionamento, não entrava em casa [...]”.

⁶⁹ “Eliseu [...] eu falava com os dela porque estava ali todos os dias e como as famílias deles, da minha sogra e do meu sogro eram muito perto [...]”.

⁷⁰ “Isaura [...] Conhecia-os mas não tinha... não havia ali relacionamento, antes de casar nem entrava em casa nem nada [...]”.

Isaura uma vez que partilhavam o mesmo trabalho⁷¹. Após o laço matrimonial, Eliseu considera que a relação foi normativa⁷², tendo até partilhado casa com os sogros durante cerca de um ano e meio⁷³, e tendo ajuda da sogra a nível da alimentação⁷⁴.

Encontram-se algumas divergências de opinião no que concerne às relações com as famílias de origem do cônjuge. Mais uma vez, Isaura sobrepõe a sua opinião menosprezando aquilo que é o discurso do marido. Em relação ao comentário, a própria dinâmica de diálogo estabelecido indica uma clara concordância com o que cada um disse⁷⁵ contudo, a falta de aprofundamento traduz dúvida, pois o casal concorda mas é incapaz de complementar denunciando, mais uma vez, a existência de dificuldades no aprofundamento e reflexão da sua relação e, conseqüentemente, na verbalização.

A classificação desta subcategoria “Ambivalente”, pois no caso de Eliseu há um sentimento de acolhimento, mas Isaura considera haver um certo obstáculo na relação correspondendo a um nível taxonómico “Desequilibrado”.

A **subcategoria BP9**, através da previsão do futuro que é pedido ao casal, há possibilidade de destacar características do mesmo e do tempo presente da sua relação. A qualidade do casal traduz-se na capacidade de conseguir combater o perigo e enfrentar o que acontece. A classificação taxonómica varia em sentimentos de confiança, sentimentos de desconfiança e, de esperança ou desespero relativos ao laço.

Há claramente indicação de que têm a expectativa de se manterem na relação⁷⁶, mas não há indicação em relação à projeção futura do pacto conjugal. À semelhança do que acontece noutras perguntas, a superficialidade do discurso impossibilita a análise detalhada e demonstra baixa capacidade de reflexão acerca do futuro da relação e a dificuldade de projeção a nível simbólico, no entanto visto que Isaura assume que se completam, temos indicação de uma orientação positiva, investimento e esperança no vínculo, que é a classificação taxonómica “Orientação positiva, investimento e esperança no vínculo”, que corresponde a “Fecundo”.

⁷¹ “Isaura [...] ele dava-se bem com os meus tios que eram da idade dele e pronto, havia ali um relacionamento com os avós e os tios, mas com os pais não [...]”.

⁷² “Eliseu [...] tínhamos uma relação mais ou menos [...]”.

“Eliseu [...] mas a relação era boa, havia movimento para baixo outro para cima [...]”.

⁷³ “Eliseu [...] Tivemos um ano mais ou menos a viver nessa casinha [...]”.

⁷⁴ “Eliseu [...] a minha sogra dava-me a sopa [...] fazia logo qualquer coisa de comida [...] para ela não atrasar o trabalho”.

⁷⁵ “Isaura [...] Acho que fomos falando o que achávamos das coisas um do outro... estamos de acordo em quase tudo não é Eliseu? [...]”.

⁷⁶ “Isaura [...] Eu acho, o meu futuro de casal acho que é para acabarmos juntos não é, meu deus, nunca pensei diferente [...] Nós completamo-nos”.

“Eliseu [...] não estou sequer a fazer o mínimo de palpite ao contrário. Penso que depois de ir, ela ou vai por cima ou vai por baixo mas não vamos ficar nunca em lugares separados [...]”.

A Classificação Tipológica da Eixo B encontra-se resumida na Tabela 2.

Subcategoria	Tipologia
P1	Ambivalente
P2	Falido
P3	Falido
P4	Ambivalente
P5	Fecundo
P6	Ambivalente
P8	Ambivalente
P9	Fecundo

Tabela 2: Classificação Tipológica de cada Subcategoria do Eixo B.

Ao nível do Eixo B, considera-se a classificação “Relação Ambivalente”. Há aspetos que apontam que a vontade de posse está presente por parte da esposa, podendo haver uma mistura entre a classificação Falida e Ambivalente. Contudo, optamos pela classificação Ambivalente na medida em que nos deparamos com um sentimento recorrente de perigo no laço representado pela dificuldade no desenvolvimento das áreas exclusivas do casal (áreas secretas) e pela falta de capacidade de dividir tristezas e alegrias (Cigoli & Tamanza, 2009b), que poderá ser falta de capacidade para criar fronteiras. Contudo, não se denota que o casal considere difícil o investimento na sua relação, que tem ao mesmo tempo sinais de fragilidade e de durabilidade. A falta de perceção real do investimento na relação leva a que o casal apresente dificuldades em aprofundar os aspetos mais íntimos e exigentes do pacto conjugal.

Eixo da Transição Geracional (C)

A terceira categoria corresponde à Transição Geracional e a unidade de análise é, mais uma vez, o casal, sendo constituída por 6 subdimensões. A **subcategoria CP1** aborda a conceito e opinião que o casal tinha acerca da vida familiar, antes de a experienciar. A classificação pode evidenciar um não planeamento com imaginação generalizada e estereotipada de que a relação no presente é suficiente, presença de confiança e esperança aliado à família ou, presença de previsões divergentes com dúvidas e medos.

Na linha do habitual ao longo da entrevista, há falta de planeamento aprofundado⁷⁷ (esta nota de rodapé também reforça a casualidade do encontro exposta na subcategoria BP1). O

⁷⁷ “Isaura [...] a gente nunca pensa muito bem como é o casamento. O casamento é, é como diz a cantiga é um sorteio [...]”.

discurso é superficial manifestando, claramente, a ausência de expectativas como casal, deixando apenas transparecer o desejo da parentalidade⁷⁸. Toda a subcategoria é abordada de uma forma generalista, não existindo indícios de planeamento da vida conjugal e da sua prefiguração. Corresponde, por isso, à classificação “Falido” e à classificação taxonómica “Ausência de prefiguração”.

A **subcategoria CP2** encontra-se associada à subcategoria anterior, uma vez que a existência de expectativas futuras capacita os indivíduos para avaliar e comparar a realidade presente da vida familiar. Pode haver classificações indicativas da impossibilidade de fazer comparações por faltar a prefiguração ou reconhecimento de uma relação construtiva entre o projetado e a realidade ou a presença de angústia e medo pela existência de perspetivas divergentes.

O discurso é abraçado mais uma vez por Isaura acabando por impossibilitar o conhecimento profundo das ideias do cônjuge. Contudo, há indícios claros de que as expectativas (embora as tenham referido de forma genérica) correspondem à realidade presente da vida familiar⁷⁹. A emigração é vista como rampa de lançamento para a concretização das imagens idealizadas. Nas entrelinhas, consegue-se perceber que uma das expectativas que tinham, ainda que não o exponham de forma direta, era inicialmente juntar economias⁸⁰ para satisfazer o desejo maior da educação dos filhos⁸¹, expectativa esta que foi concretizada. Há uma clara associação entre a educação dos filhos com a falta de oportunidade que Isaura teve para estudar, que ao longo do seu discurso se afigura importante e esclarecedora de vários “vazios” pessoais. A classificação é “Fecundo”, correspondendo à taxonomia “Reconhecimento de uma relação construtiva entre o projetado e a realidade”.

“Eliseu [...] dava-se sempre conversas de fazer o futuro... os filhos vem e a vida complica-se claro a ir aqui ali e acolá, mas não era nada de muito coisa [...]”.

“Eliseu [...] antes de casar pensava-se no, prontos na vida e nessas coisas todas mas talvez não fosse uma coisa bem, bem profunda. Não pensávamos nisso tanto em profundo [...]”.

⁷⁸ “Eliseu [...] quer-se dizer.... Já imaginava os filhos... [...]”.

“Isaura [...] pensávamos mais nos filhos. Ainda eramos novos, pensávamos mais nos filhos [...]”.

“Isaura [...] ele (marido) dizia quando casar vai ser dois para o pai e dois para a mãe [...] e queria quatro filhos [...]”.

⁷⁹ “Isaura [...] Eu concretizei tudo que eu queria na minha vida. Fui uma pessoa que concretizei tudo que eu desejava, é verdade, posso-me dar ao luxo disso [...]”.

“Eliseu [...] tudo saiu como eu desejava [...]”.

⁸⁰ “Isaura [...] nós fizemos um percurso de vida de emigração não é, saímos de cá, fomos para o Canadá, vivemos para o trabalho [...]”.

“Isaura [...] quando trabalhei poupei o dinheiro e depois está um ditado muito certo, quem não poupa de novo, de velho sofre [...]”.

⁸¹ “Isaura [...] interessei-me sempre muito com a educação deles [...] tudo que fosse escolar, eles tinham [...] pulos na natação [...] aprenderam a nadar até aprender a socorrer uma pessoa [...] para a aprendizagem de andar no gelo, patinagem [...] eu tentava dar-lhes tudo aquilo que havia naquela altura [...]”.

“Isaura [...] nós queríamos atingir uma meta que era por os filhos organizados [...]”.

A **subcategoria CP3** versa sobre o ponto de vista da transmissão de valores por parte do casal. A classificação pode ser indicativa de dificuldade em reconhecer valores e modelos de vida ou comunicação de forma estereotipada ou consciência da existência da transmissão de geração em geração. Entre estas duas alternativas encontra-se a dúvida nessa transmissão e a angústia, a propósito de determinados valores.

A análise da subcategoria tornou-se complexa uma vez que a superficialidade pautou todo o discurso. Há uma dificuldade de aprofundamento e uma dificuldade de reflexão que acaba por comprometer o discurso. Houve necessidade do reforço da pergunta, devido ao desvio do tema central. Foi evidenciada dificuldades em identificar os valores e a origem dos mesmos surgindo, nas entrelinhas, no discurso de Eliseu, a distância dos conflitos⁸² e no discurso de Isaura, a preservação da ligação com as famílias de origem⁸³, que surge como tendo extrema importância ao longo da entrevista. Ainda referido pela mesma, há identificação do valor da solidariedade⁸⁴, pois relata que sempre tentou transmitir à filha a importância de ajudar os mais necessitados, contudo este valor não se perpetua no modo de vida dos pais, o que pode demonstrar que apenas foi referido porque tendo em conta o estereótipo associado.

Parece não existir muita concordância entre os cônjuges, ainda que não seja proferida diretamente, uma vez que cada um expõe a sua opinião não existindo debate e complementação da opinião do outro, como acontece noutras subcategorias. Isaura refere que os valores que tentaram transmitir não se associam aos valores que receberam⁸⁵, contudo quando há um reforço da pergunta Eliseu refere ter sido uma combinação do que aprenderam e do que receberam⁸⁶. Contudo, Eliseu exhibe, mais uma vez, um discurso de quem está a refletir no momento e apresenta algumas refutações, quando se apercebe que a sua esposa se desvia da pergunta.

Apesar de elencarem valores que consideram importantes, a sua identificação foi custosa e existências insuficiências no discurso. A classificação taxonómica corresponde a “Dificuldade em reconhecer valores e modelos de vida” sendo a classificação “Falido”.

A **subcategoria CP4** aparece na sequência da anterior e visa compreender a eficácia ou ineficácia da transmissão, e os fatores a si associados. Pode variar entre o sentimento de

⁸² “Eliseu [...] Tentamos transmitir valores para que não houvessem aquelas reixas, às vezes a minha filha fala assim mais agitada [...] e ele lá lhe diz, não precisas de falar tão alto [...]”.

⁸³ “Isaura [...] Ah sim, eu sempre transmiti os valores de família, sempre tentei transmitir [...]”.

⁸⁴ “Isaura [...] tu como tens muito trabalho não é, tu tenta ajudar as pessoas que precisam porque isso é uma parte muito boa que tu podes fazer [...]”.

⁸⁵ “Isaura [...] Eu acho que não, não vem muito dos nosso pais [...] acho que nós crescemos mais por nós próprios [...]”.

⁸⁶ “Eliseu [...] também um bocadinho na nossa vida. A nossa vida foi também assim muito certinha [...]”.

ineficácia na transmissão, sentimento construtivo e operante ou, sentimento de dúvida e atribuição ao(s) filho(s) da responsabilidade única das escolhas feitas.

O casal concorda que os modos de vida que transmitiram aos filhos foi aprendido sem quaisquer obstáculos⁸⁷ e aponta como fonte de fortificação, a observação do modelo na família e as suas próprias vivências⁸⁸. O discurso é parco e assiste-se novamente a um desvio da questão por parte de Isaura e a uma tentativa de agilizar a entrevista por Eliseu, facto que pode ser explicado pelo sentimento de cansaço manifesto por parte dos participantes, principalmente de Eliseu que teve como consequência a falta de aprofundamento da questão. Contudo, é evidente o sentimento de eficácia no que respeita à transmissão dos valores, sendo a classificação taxonómica “Sentimento construtivo e operante” e a classificação tipológica “Fecundo”.

A **subcategoria CP5** versa sobre reconhecimento das origens múltiplas da personalidade dos filhos e a sua especificidade. Varia entre a réplica das figuras significativas, a combinação entre as origens e as suas especificidades e, a dúvida das origens dos filhos e/ ou a minimização do problema.

A opinião do casal é equivalente e, há um reconhecimento da existência de características herdadas de ambos⁸⁹. Contudo, quando há um reforço da pergunta, devido a um considerável momento de silêncio, são reconhecidas características específicas dos filhos⁹⁰. Há uma manifestação enaltecida da característica denominada por eles como “o génio da inteligência”⁹¹, que parece distinguir os filhos. Todo o discurso gira em torno da época em que ambos estudavam e das diferenças de aproveitamento. Corresponde à classificação “Fecundo” e à classificação taxonómica “Pertença múltipla e especificidade pessoal”.

A **subcategoria CP6** é a última pergunta e tem um carácter reflexivo acerca da relação familiar. Permite fazer uma sinopse da visão conjunta da família, dos aspectos que dão confiança e esperança na relação e ainda das dores que a caracterizam. A classificação pode ser prevalência de sentimentos de raiva, vazio e falência ou prevalência de sentimentos de confiança e esperança na relação familiar advindo do sucesso e superação das dificuldades e dores vividas pela família ou prevalência de sentimentos confusos e duvidosos.

⁸⁷ “Isaura [...] Não tive obstáculo nenhum, aquilo já está no sangue [...]”.

⁸⁸ “Eliseu [...] O modo de vida que foram acompanhando também fiz com que eles tivessem o instinto deles [...]”.

⁸⁹ “Eliseu [...] Os dois têm as mesmas tendências [...] vê-se que tem o bom de um e o bom do outro noutra área diferente [...]”.

“Eliseu [...] Eles tem do pai e da mãe [...]”.

“Isaura [...] Ambos se completam com nós [...]”.

⁹⁰ “Isaura [...] Muito humilde, muito bom menino, sempre com bom comportamento [...]”.

“Eliseu [...] vinha para casa e era assim um bocado arisco [...] a minha filha não, a minha filha punha-se ali e sem fazer aquilo ela quase que nem olhava para a televisão, quer-se dizer, um instinto completamente diferente [...]”.

⁹¹ “Isaura [...] O génio da inteligência, porque a gente não dava para estudar como a minha filha [...]”.

É identificado primariamente por parte de Isaura que a maior dor se refere à saída de casa dos filhos⁹². O cônjuge apresenta um discurso de quem está a refletir no momento, no entanto partilha da mesma opinião, chegando até a recordar a altura em que a filha saiu temporariamente de casa para estudar, tendo que mudar a sua residência.

Mais uma vez, Isaura dissipou o tema da questão, o que levou à necessidade de reforço da pergunta, contudo a clarificação da mesma ajudou a descobrir mais um aspeto difícil: a entrada e acolhimento de pessoas novas no seio da própria família⁹³. Dentro deste aspeto, são salientadas algumas dificuldades de relacionamento com o genro e com a respetiva família de origem, prevalecendo um sentimento de confusão naquilo que são os verdadeiros sentimentos do casal⁹⁴. São evidentes dores recalcadas respeitantes à relação entre compadres onde há uma atribuição de culpa ao próprio genro⁹⁵, e que pode manifestar receio inconsciente de distância por parte da filha⁹⁶.

O aspeto referido como fonte de confiança para o futuro foi a decisão dos filhos habitarem na mesma zona geográfica e a pouca distância da habitação dos pais⁹⁷, o que concorre para a ideia do valor que dão da união entre a família. Ao longo do discurso, ambos têm necessidade de ressaltar aspetos positivos dos membros da família e da própria relação, contudo estas referências tornam-se contraditórias ao analisarmos o discurso como um todo, uma vez que são listadas diversas dificuldades na relação. Esta necessidade pode demonstrar o poder de

⁹² “Isaura [...] Os filhos sair de casa. Quando saíram de casa [...]”.

“Isaura [...] Mas foi quando casaram [...] Porque eu sou muito agarrada aos filhos e acho que foi um choque sair de casa [...]”.

“Isaura [...] pronto já sabe, quando os filhos casam e saem de casa é uma parte que doi, [...]”.

“Eliseu [...] por exemplo a minha filha começou a ter de ficar no porto ao fim de semana, já havia um bocado de uma confusão [...]”.

⁹³ “Isaura [...] depois a adaptação às pessoas novas que entram na nossa casa também [...] a minha nora é uma pessoa muito simples [...] o meu genro [...] já vem de outra classe de gente [...]”.

⁹⁴ “Isaura [...] no fundo é gente maníaca, não é gente muito normal, embora eles pensem que são mas não são...ahh, tem umas ideias assim... gente com ideias assim um bocadinho..., mas isso já vem de gerações atrasadas [...] de maneira que o meu genro herda um bocadinho dessa parte [...]”.

“Isaura [...] ele é carinhoso para nós, mas dentro desse carinho tem muitas falhas [...] falhas que não são normais [...]”.

“Isaura [...] nós não podemos comunicar uns com os outros está a entender [...] isto passou-se e [...] damo-nos bem e tudo hoje, porque juntamo-nos agora nos anos das meninas [...] mas eu andei muitos anos que eu não passava cartuxo nenhum aquela gente porque ele impôs ali uma regra que eu ao fim também o quis castigar [...]”.

⁹⁵ “Isaura [...] porque eles são atrevidos, aquilo é uma gente muito atrevida [...]”.

“Isaura [...] tu queres que eu vá busca-las ao jardim, tu queres que eu vá busca-las a outro sitio qualquer, eu sirvo-te para tudo porque é que não te sirvo para ir a casa dos teus pais? [...]”.

“Isaura [...] mas não é isso que tu queres, não é isso que tu andas a fazer, tu não andas a trabalhar para isto? [...]”.

⁹⁶ “Isaura [...] porque ele pensava que certo a minha filha não queria fazer uma casa no nosso terreno, mas a minha filha depois ao fim impôs-se [...] e então ele teve que vergar e agora estamos perto [...]”.

“Isaura [...] com o casamento depois ela também com as atitudes dele ela também começou um bocado a virar para o lado dele, também a aprender aquelas atitudes dele [...]”.

⁹⁷ “Eliseu [...] a minha filha ficar ali [...] se eu sair da minha porta é só ir ali a cima e estou lá [...]”.

“Eliseu [...] o meu filho também mora perto e ainda morará mais perto se fizer casa nova também, se chegar lá [...]”.

idealização da “família perfeita”, camuflando os aspetos negativos com atribuições positivas, ainda que não correspondam aos verdadeiros sentimentos do casal⁹⁸. A classificação taxonómica desta subcategoria é “Prevalência de sentimentos de dúvida e confusão”, que corresponde à classificação “Ambivalente” (Cigoli & Tamanza, 2009b).

A Classificação Tipológica do Eixo C encontra-se resumida na Tabela 3.

Subcategoria	Tipologia
P1	Falido
P2	Fecundo
P3	Falido
P4	Fecundo
P5	Fecundo
P6	Ambivalente

Tabela 3: Classificação Tipológica de cada Subcategoria do Eixo C.

Ao nível do Eixo C, considera-se casal de “Passagem Ambivalente”. Esta classificação coincide com a caracterização que a literatura faz, uma vez que têm competências parentais e tentam passar os valores reconhecidos e com que se identificam. No entanto, o casal teme que não sejam suficientes devido às ameaças do exterior, nomeadamente que os filhos deixem de viver os valores e modos de vida que lhes foram transmitidos. Há um sentimento recorrente de ambivalência entre o familiar e o desconhecido que regula a transmissão geracional.

A um nível global, a classificação dos 3 eixos gera a Figura 3.

⁹⁸ “Eliseu [...] o conforto e a ligação entre todos... num instante se telefona para os meus filhos, vinde comer aqui à noite [...] e aos fins de semana [...] vem com as meninas [...] estamos ali todos [...] e todos se entendem bem, os irmãos entendem-se bem, a minha nora até trabalha com a minha filha [...]”.

“Eliseu [...] eu estou satisfeito com a relação, há aqueles momentos, há horas, dias mas isso é como hoje está um vento e um frio [...]”.

“Isaura [...] a gente faz um almoço com a minha família, ui ele (genro) vem logo com os melhores vinhos, é muito prestável para qualquer coisa, é uma coisa fora de série [...]”.

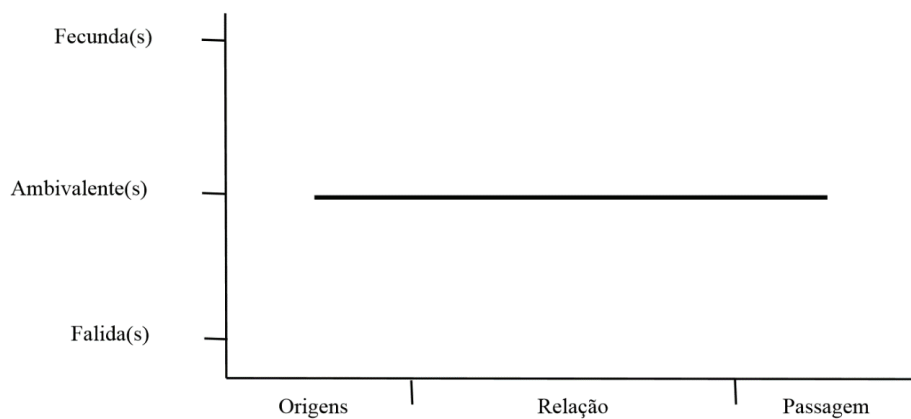


Figura 3: Figuração da tipologia Gerativa *Bloqueada* (Cigoli & Tamanza, 2009a).

A tipologia do casal corresponde a Bloqueada. Com efeito, os eixos apresentam-se todos com a mesma classificação, pelo que se considera que a Composição é homogénea, consequentemente, a Direção não apresenta qualquer tipo de alteração e não há Transformação.

Alguns aspetos que não foram englobados nos resultados mas que são elementos importantes e característicos do casal vão ser agora apresentados e discutidos.

Como é sabido, a vivência individual de cada membro do casal com a sua família de origem, influenciada pelo meio sociocultural onde estão inseridos, traduz-se como base para que o casal crie a sua própria identidade. O casal funciona como ponto de ligação entre duas realidades onde leva consigo recursos e dificuldades decorrentes da sua vivência e onde se espera que a partilha entre ambos seja o ponto de partida para a criação da própria identidade de casal. Neste caso particular o casal possui um elo de ligação, a emigração da figura paterna, que acarretou dificuldades relacionais, mas que no entanto se tornou o modelo a seguir pelo próprio casal, tendo estes experienciado a emigração para o Canadá durante 20 anos. Esta análise é corroborada por Sánchez-Plata e Vizcarra-Bordi (2009), uma vez que apontam que a decisão de emigrar por parte da segunda geração de migrantes nasce, muitas vezes, do sentimento de ausência do progenitor e é entendida como parte integrante do seu papel na família. A emigração constituiu-se uma etapa complexa, especificamente no caso de Isaura, tendo originado dificuldades ao nível da qualidade da relação, quer com o pai quer com as irmãs, e do sentido de pertença na família. Há uma manifestação evidente do sentimento de inferioridade relativo às irmãs, na medida em que estas tiveram oportunidade de estudar (aspeto que não lhe foi concedido), ter melhores condições de vida e estabelecer uma relação diferente com o progenitor, afigurando-se como a maior mágoa do seu passado. Este resultado vai de encontro ao previsto na literatura, uma vez que há estudos apontam que as pessoas que ficam no país de origem partilham a ideia de que os migrantes não pertencem à família (Zárate, Córdoba & Vargas, 2007). Não obstante, é importante reforçar que há uma forte probabilidade da emigração do casal ter sido uma mera repetição do modelo de vida dos pais, contudo, fica em aberto a possibilidade de se tratar de uma “fuga” à realidade familiar por parte de Isaura, após o casamento, devido às dificuldades relacionais. Esta análise é corroborada por Lagomarsino (2005) que refere que a emigração pode ser resultado de um ambiente fraco caracterizado por relações frágeis e problemáticas, onde a saída do país de origem é vista como uma oportunidade para sair de um relacionamento insatisfatório e doloroso.

Aquando da transição para a conjugalidade, é esperado que o casal seja capaz de construir o pacto conjugal, cruzando o pacto declarado e pacto secreto, sendo este último a base de sustentação psicológica e constituindo-se como a união inconsciente dos cônjuges (Pincus & Dare, 1987), que dá unicidade a cada casal e se torna o meio para construir uma identidade própria (Bowen, 1998). O casal não conseguiu construir um pacto conjugal na sua totalidade. Em relação ao pacto declarado, Scabini (2006) e Scabini e Cigoli (2000) prevêm que haja um

projeto definido com diversas valências concretas, o que não acontece neste casal sendo evidente aquando da discussão sobre as expectativas da vida conjugal, uma vez que estes não referem planos pré-definidos, apenas apontam o desejo da maternidade/paternidade e ainda, através da forma como encaram a questão e a falta de aprofundamento, traduzindo falta de investimento no laço, que parece não ter relação com a doença de Isaura.

Cigoli e Scabini (2006) preveem ainda, que na dinâmica relacional do casal haja um cruzamento entre a conjugalidade e a parentalidade. O momento da saída dos filhos de casa confere uma tarefa aos pais que passa pela renovação e reorganização da vida conjugal de forma a reinvestir na relação, sendo capaz de passar do sentido de generatividade parental para o sentido de generatividade social. O casal parece não ter realizado essa passagem, na medida em que há uma necessidade intrínseca de manter os filhos o foco da sua relação descorando a relação de casal.

No que concerne à doença nos avós, esta implica uma elevada resiliência não só do cônjuge mas de todo o ciclo familiar e pode assumir-se como precursor destrutivo da coesão familiar, ou como forma de crescimento, auxiliando a resolução de conflitos e complementando o processo de transmissão intergeracional (Cigoli, 1992). No estudo particular, não há dados que comprovem que a doença seja coesiva ou destrutiva da relação familiar, uma vez que a doença não surge em nenhuma das transições como fator crucial, demonstrando que o seu impacto não é significativo no que concerne às relações e dinâmicas familiares. Contudo, no que diz respeito ao genro, além deste fazer parte da família é visto como representativo do exterior, no que diz respeito especialmente à relação com a filha. Evidencia-se uma tentativa de aproximação do casal com a filha, mas por outro lado há um medo inerente ao genro, que deriva desse medo do que é exterior e se traduz numa ambivalência. Esta ambivalência passa pelo caráter positivo que atribuí ao genro em diversos contextos mas também pela forma como o crítica na relação consigo mesma⁹⁹. Assim surge uma questão: se não existisse a doença como seria a sua relação com o genro? Uma vez que o genro representa o medo do externo, será que se não existisse a doença o medo teria outra expressão (não se expressava como conflito relacional entre Isaura e o genro)?

⁹⁹ “Isaura [...] é muito bom rapaz, mas ele sabe muito bem que eu sofro de fibromialgia e que tenho muitos problemas de saúde, que sou muito medicada e que sou muito familiar e que gostava que a coisa fosse de outra maneira, mas olha que nunca me fez a vontade [...]”

“Como é que as pessoas parecem tão boas tão boas e a seguir ele está ali na mesa e vê-me a tomar os comprimidos [...] são estas coisas que me entristece [...]”

Conclusão

A aplicação da ECG mostra que o instrumento tem, de facto, capacidade de aceder a informações partilhadas e conjuntas do casal, tem a capacidade de tornar conscientes elementos que explicam a evolução do casal ao longo da sua relação e ao longo da história gradual de cada um dos cônjuges, e permite que o casal mantenha um diálogo e uma descoberta recíproca do outro, no sentido do (re) conhecimento de elementos que possam não ser conhecidos ou possam já estar esquecidos. Contudo, para a exploração da relação entre avós e netos, neste estudo particular, parece não se ter sido adequada, uma vez que os netos não emergiram como elemento integrante do discurso no que diz respeito à qualidade relacional. A carência de conteúdo a este nível pode também ser consequência da não assunção da generatividade social, pois o casal não fez um relançamento e reatualização do pacto secreto (o foco deixa de ser a relação parental e passa a voltar a ser a relação de casal), havendo um “esquecimento” da relação de casal e uma não assimilação da saída de casa dos filhos.

No que concerne à doença, apesar da entrevista aceder a muita informação acerca do casal, parece que esta questão ficou um pouco camuflada pelo externo, principalmente pela aparente ambivalência na relação com o genro, demonstrando que o medo se sobrepõe ao efeito que a doença poderia ter. Por outro lado levanta a questão, se não existisse doença como seria a relação entre Isaura e o genro (?). Aparentemente, segundo os resultados obtidos, a doença não tem impacto significativo a nível familiar, o que nos leva a assumir que se a doença não existisse estas ambivalências na relação com o genro permaneceriam, embora sob outra forma.

Respeitante ao casal, há clara influência das famílias de origem nas suas histórias de diferentes formas. O casal partilha de uma experiência similar, pois ambos os pais emigraram durante a sua infância, tendo regressado, no caso de Isaura, quando esta tinha 6 anos e no caso de Eliseu quando este tinha 16 anos. Apesar disso, no relato de Isaura é evidente um maior impacto, existindo várias representações desta fraca relação afetiva e consequente complexidade na criação do vínculo, aspeto que claramente lhe causa mágoa. Com efeito, a chegada do pai acarretou diversas mudanças a nível da dinâmica e relações familiares. Aliado a esta dificuldade, Isaura revela sentimento de inferioridade relativo às irmãs, na medida em que estas tiveram oportunidade de estudar (aspeto que não lhe foi concedido), ter melhores condições de vida e estabelecer uma relação diferente com o progenitor. Estes aspetos afiguram-se como a maior mágoa do seu passado e é transversal a todos os eixos. No caso de Eliseu a questão da emigração parece não ter influenciado a construção do vínculo, uma vez que após a chegada do pai não houve mudanças abruptas no modo de vida adotado. A mãe manteve-se

como figura de autoridade e houve uma adaptação do pai às dinâmicas e relações existentes (embora Isaura aponte algumas dificuldades da vida quotidiana não mencionadas por Eliseu).

Curiosamente, o casal vivenciou a experiência de emigração para o Canadá, permanecendo lá durante 20 anos e tendo 2 filhos. Não há dados que expliquem o motivo que levou à decisão de emigrar, mas permanece a questão da motivação para esta decisão: será que foi maioritariamente de Isaura (devido à necessidade de se afastar da família de origem), ou foi uma decisão conjunta ou foi uma decisão do projeto de vida de Isaura e Eliseu (educação dos filhos)?

A forma como o casal se conheceu, ainda que tenha sido casualidade, pode ser analisada à luz da necessidade, inconsciente, de Isaura “sair” da família de origem. O facto de iniciar a aprendizagem da costura, no centro da forma como se conheceram, provocou a possibilidade de um escape da família. A decisão da emigração poderá ter sido um meio “facilitador” para esse afastamento. Estas escolhas podem ser vistas como uma tentativa de fuga à realidade familiar, com que pouco se identificava e gerava dificuldades relacionais. Por outro lado, este afastamento da família de origem pode ser uma repetição dos modelos de vida adotados pelos progenitores (ambos os pais emigraram) de forma não reconhecida, pois a identificação com o modelo conjugal da geração anterior não é assumida.

Na relação de casal, Isaura assume-se como a figura central, assim como acontece durante a realização da entrevista. É de referir que expressa várias vezes imprecisões e dificuldades de expressão que resultam maioritariamente em contradições no discurso. Há sobreposição constante do discurso de Isaura sobre o do cônjuge reforçando a necessidade de atenção que demonstra sentir. Pode ser consequência das dificuldades de relação com o pai e mais recentemente da relação com o genro, onde a doença surge como elemento desenquadrado, porque apenas surge para explicar a ambivalência relativa ao genro, (utiliza a doença para transmitir que o genro não é “bom” para ela), pois tanto lhe atribui características positivas, como crítica a sua forma de pensar e agir relativamente a si, à sua filha e à própria família de origem, tentando mostrar que o modelo de vida da família de origem do genro (apesar de semelhante ao seu) não é correto deixando transparecer o receio da distância da filha. A carência de afetos e consequente necessidade de atenção é projetada também na relação de casal, uma vez que é Isaura que ocupa o lugar de destaque, observado pela apropriação constante da opinião da esposa, ainda que se perceba que não é a sua opinião real, e o seu discurso parece indicar uma incompleta satisfação com a dinâmica conjugal/familiar.

Em suma, o casal parece ser uma junção de vivências individuais nas famílias de origem com as respetivas expectativas pessoais e de casal, considerado tipologicamente como

“Ambivalente”. Contudo, encontram-se em constante evolução e é importante pensarmos até que ponto a relação de casal não estará a caminhar para uma relação “Falida”, uma vez que não é denotado em nenhum elemento a capacidade de investimento no laço centrando-se apenas na parentalidade.

No que respeita à transmissão generacional, a preservação da união familiar é o aspeto destacado pelo casal para manter o vínculo e a saída de casa dos filhos foi apontada como um dos eventos que lhes causou maior dor. Sendo esta uma transição normativa, parece não ter sido totalmente compreendida, pois há uma necessidade constante de atrair os filhos, mantê-los perto do “ninho” dos pais, para não haver o sentimento de “perda total”. Esta saída perpetua-se como uma transição quer para o casal de pais, quer para os filhos, assumindo um carácter de contra transição, pois é uma escolha exclusiva dos filhos e como tal requer que haja um relançamento e reatualização do pacto secreto do casal. Parece não ter existido esse reajuste, havendo uma “esquecimento” da relação de casal, o que levanta a questão se a não abordagem dos netos poderá ser consequência da não assunção da generatividade social. Com efeito, a sua projeção no futuro de casal não tem qualquer referência ao reposicionamento generativo.

O facto dos filhos construírem casa perto de si traduz uma esperança no vínculo e parece ser uma garantia, ou um reforço de que irão continuar a seguir o seu modelo familiar (tido como o único “certo”). Por outro lado, o conflito evidente com o genro pode ser o polo oposto da questão, aquele que representa o perigo de afastamento da sua filha, aspeto que compromete a transmissão do seu modo de vida. Aparentemente todos os perigos percebidos pelo casal surgem à volta do exterior pois há um evidente sentimento de risco de fuga dos filhos do seu seio, que pode ser visto como expressão do medo da repetição da própria história (emigração do pai).

Há uma clara tentativa de defesa do exterior por parte de Isaura, perpetuada na busca incessante de mostrar “sucesso” mesmo sem as oportunidades de estudo. Esta necessidade de marcar posição é intensificada através da gratificação que atribui principalmente à filha, onde parece ter vários elementos de identificação como: serem ambas mulheres, serem ambas as filhas mais velhas e serem ambas ambiciosas. Esta admiração está intimamente ligada à concretização do plano de vida (inconsciente) de Isaura, que seria criar uma pessoa à semelhança daquilo que ela própria desejaria ter sido, mas que não teve oportunidade.

Ao longo do discurso, ambos têm necessidade de ressaltar aspetos positivos dos membros da família e da própria relação, contudo estas referências tornam-se contraditórias ao analisarmos o discurso como um todo, uma vez que são listadas diversas dificuldades na relação. Esta necessidade pode demonstrar o poder de idealização da “família perfeita”,

camuflando os aspetos negativos com atribuições positivas, ainda que não correspondam aos verdadeiros sentimentos do casal.

Limitações

Como em todos os trabalhos, existem limitações, e este não é, certamente, exceção. Uma das limitações é referente ao instrumento, pois sendo este um estudo piloto, não foi possível aceder à relação intergeracional avós-netos com a profundidade desejada, no entanto acreditamos que utilizando-o em estudos futuros será possível ter acesso a essa informação.

Assumimos também um erro na aplicação da entrevista que pode ter comprometido o discurso do casal. Refere-se à pergunta 5 do Eixo A (Origens), onde todas as alíneas foram questionadas ao mesmo tempo, o que fez com que este erro se tornasse uma limitação.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Boon, S. D. & Shaw, M. J. (2007). Grandchildren's perceptions of grandparents' health: Worries and impact on their own lives. *Journal of Intergenerational Relationships*, 5(1), 57–78.
- Bronfenbrenner, U. (1979/1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Campomar, M. C. (1991). *Do uso do "Estudo de Caso" em Pesquisas para Dissertação e Teses em Administração*. *Revista de Administração*, São Paulo, 26, (3), 95-97.
- Cardoso, J. L., Magalhães, P. M., & Pais, J. M. (2013). *Portugal Social de A a Z- temas em aberto*. Publishing Expresso.
- Celdrán, M., Triadó, C., & Villar, F. (2009). *Nietos adolescentes com abuelos con demencia: la enfermedad cambia la naturaleza de la relación?* *Anales de Psicología*, 25 (1), 172–179.
- Celdrán, M., Villar, F., & Triadó, C. (2012). When Grandparents Have Dementia: Effects on Their Grandchildren's Family Relationships. *Journal of Family Issues*, 33(9), 1218–1239. doi: 10.1177/0192513X12443051
- Cigoli, V. (1992). *Il corpo Familiare: L'anziano, la malattia, l'intreccio generazionale*. Italy.
- Cigoli, V. (2006). *L'albero della discendenza. Clinica dei corpi familiari*. Milão: Franco Angeli.
- Cigoli, V. & Scabini, E. (2006). *Family identity. Ties, symbols and transitions*. Londres: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Cigoli, V. & Tamanza, G. (2009a). *L'Intervista Clinica Generazionale (ICG)*. In V. Cigoli & G. Tamanza (Eds.), *Il sistema di codifica e di misurazione* (pp. 123-162). Milão: Raffaello Cortina Editore.
- Cigoli, V. & Tamanza, G. (2009b). *L'Intervista Clinica Generazionale (ICG)*. In V. Cigoli & G. Tamanza (Eds.), *L'intervista clinica generazionale* (pp. 85-120). Milão: Raffaello Cortina Editore.
- Coelho, L. (2007). *A emigração sob o olhar de quem fica: uma análise das experiências de famílias do município de Ipaba-MG*. (Dissertação de Mestrado). Acedido de <ftp://ftp.bbt.ufv.br/teses/economia%20domestica/2007/204487f.pdf>.
- Colarusso, C. A. (1990). *New dimensions in adult development*. New York: Basic Books.

- Creasey, G. L. & Kaliher, G. (1994). *Age differences in grandchildren's perceptions of relations with grandparents*. *Journal of Adolescence*, 17(5), 411–426.
- Daure, I., Coulon, O. R. & Forzan, S. (2014). *Relações familiares e migração*. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, 26, 1, 91-108.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Falicov, C. J. (2001). *Migración, perdida ambigua y rituales*. *Perspectivas Sistémicas*, 69, Buenos Aires: Artes Gráficas Buschi.
- Gambini, P. (2007). *Psicologia della famiglia*. L'approccio sistemico-relazionale Milano: Franco Angeli.
- Gonçalves, A., Trigueiros, L., Peixoto, R. & Raguso, F. (2010). "Intervista Clínica Generazionale - The Generativity Concept from the Viewpoint of Portuguese Psychologists.", Trabalho apresentado em 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition", In Book of Abstracts presented at the 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition.", Milão
- Kemp, C. (2007). Grandparent-grandchild ties: Reflections on continuity and change across three generations. *Journal of Family Issues*, 28 (7), 855-881.
- Kipper, C. D. R. & Lopes, R. S. (2006). O tornar-se avó no processo de individuação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22, 1: 029-034.
- Lagomarsino, F. (2005). *Famiglia e migrazione: un rapporto complesso*. DISA - Sez. di Sociologia. Università di Genova (Italia), 217-227.
- Lanz, M. & Rosnati, R. (2002). *Metodologia della ricerca sulla famiglia*. Milão: Edizione Universitarie di Lettere Economia Diritto.
- McCubbin, H. & Patterson, J. (1983). *The family stress process: the double ABCX model of adjustment*. *Marriage and Family Review*, 6(1-2), 7-37.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias, funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1981). *Family therapy techniques*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Mueller, M. M. & Elder Jr., G. H. (2003). Family contingencies across the generations: grandparent-grand children relationships in holistic perspective. *Journal of Marriage and Family*, 65, 404–417.
- Osuna, M. J. (2006). Relaciones familiares en la vejez: vínculos de los abuelos y de las abuelas con sus nietos y nietas en la infancia. *Revista Multidisciplinar de Gerontologia*, 16(1), 16–25.

- Pincus, L. & Dare, C. (1987). *Psicodinâmica da família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Raguso, F. (2010). Da generatividade parental à abertura dos jovens para a generatividade. In M. Gonçalves, C. B. Morais, & J. M. M. Lopes (Eds.), *Sexualidade e Educação para a Felicidade* (pp. 119–128). Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, UCP.
- Raguso, F., Facchin, F., Molgora, S. & Gonçalves, A. (2010). Tradução e adaptação ao contexto português da “Intervista Clínica Generazionale”. In V. Cigoli & M. Gennari (Eds.), *Close relationships and community psychology: an international perspective* (pp. 265-275).Milão: Franco Angel
- Raguso, F., Peixoto, R., Gonçalves, A. & Trigueiros, L. (2010a). "Intervista Clínica Generazionale - *The Preliminary Results from the Adaptation with Couples in 121 Portugal*.", Trabalho apresentado em 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition", In Book of Abstracts presented at the 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition.", Milão.
- Raguso, F., Peixoto, R., Gonçalves, A. & Trigueiros, L. (2010b). "*Intervista Clínica Generazionale - The Preliminary Results from the Adaptation with Couples in Portugal*." Poster apresentado em 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition", Milão.
- Scabini, E. & Cigoli, V. (2000). *Il familiare. Legami, simboli e transizioni*. Milão: Raffaello Cortina Editore.
- Scabini, E. & Cigoli, V. (2014). *La identidade relacional de la familia*. Biblioteca de autores cristianos.
- Scabini, E., & Iafra R. (2003). *Psicologia dei legami familiari*, Bolonha, Itália: Il Mulino.
- Scabini, E., Marta, E. & Lanz, M. (2006). *The transition to adulthood and family relations. An intergenerational perspective*. Londres: Psychology Press
- Silveira, T.M. (2003). "*Fomos escolhidos*": um estudo sobre cuidadores familiares principais. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Zárate, L., Córdoba, D. & Vargas, E. (2007). La emigración del adulto como factor de riesgo en la autoestima de los adolescentes. *Ensenanza e investigación en psicología*, 12, 2, 359-366. Acedido de <http://cneip.org/revista/12-2/olivazarate.pdf>.
- Sánchez-Plata, F. & Vizcarra-Bordi, I. (2009). *Tres gerações de migrantes transacionais del valle de Sollis, Estado do México*. Papeles de Población, 62. Acedido de <http://redalyc.uaemex.mx/sre/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=11212354008>.

Anexos

Anexo 1

Entrevista clínica geracional (tradução)

Eixo das origens (A)

Abertura

Estão a participar numa investigação que estuda as vicissitudes generacionais que são comuns a todas as famílias. Para este fim ser-vos-ão colocadas algumas questões. Podemos fazer alguns intervalos que a tarefa não se torne demasiado pesada.

No final pedir-vos-ei um comentário sobre a entrevista e sobre como se sentiram na relação comigo. Os resultados serão usados para promover nos psicólogos clínicos e sociais a sensibilidade e a compreensão sobre as famílias e as histórias de vida das famílias. Se tiverem alguma questão podem fazê-la à vontade.

Warming-up

Em primeiro lugar, gostaria que se concentrassem, que mergulhassem nas vossas origens ou seja, no ambiente de vida, nos lugares, nos momentos históricos, nas tradições, nas relações familiares, como se voltassem atrás no tempo.

Poderão surgir cenários e imagens na mente de cada um. Gostaria que os focassem. Permitam-se a ficar algum tempo nesta imersão; podem fechar os olhos se quiserem.

(O entrevistador coloca as questões aos dois membros do casal)

1 – Agora gostaria que cada um de vocês me mostrasse a sua história. Quem quer começar?

2 - Pensando na sua família, quais eram os momentos mais importantes da vida familiar? Mergulhem novamente, seja em situações da vida quotidiana, seja em momentos particularmente significativos da vida familiar. O que acontecia?

4 - Quais eram as regras de ouro utilizadas para organizar as relações entre os membros da família e entre a família e o exterior? Quem as ditava e de que forma?

5 - Poderiam relatar algumas memórias de infância sobre: 5.1 - a sua relação com a sua mãe 5.2 - a sua relação com o seu pai 5.3 - a relação entre irmãos (se não tiverem, considerem as relações com primos ou amigos) 5.4 - a sua relação com outras figuras particularmente significativas.

6 - O que aprenderam sobre as relações de casal e sobre a vida de casal com a família de origem? Encontraram "regras de ouro" também a este respeito? Poderiam dar um exemplo da relação entre os vossos pais através de uma ou duas recordações?

7, Recorrendo às vossas recordações poderiam dizer-me alguma coisa a respeito da relação entre os vossos pais e as respectivas famílias de origem? Que acontecia?

Eixo do casal (B)

Neste ponto o entrevistador dirige-se aos membros do casal e deixa-os falar.

1 - Como é que se conheceram?

2 - O que fez com que se terem encontrado se tornasse num laço?

3 - O que pensam ter casado no outro?

4 - Encontraram um no outro o que estavam à procura?

5 - O que descobriram de novo no outro?

6 - Houve algum momento particularmente difícil na vossa relação? Como o enfrentaram?

8.1 - Agora gostaríamos que falassem sobre o vosso encontro com as respectivas famílias de origem. Podem representar esse encontro através de episódios da vossa vida quotidiana, ou com metáforas ou imagens.

8.2 - Comentem reciprocamente aquilo que o parceiro acabou de dizer a propósito do seu encontro com a vossa família de origem.

9 - Como vêem o vosso futuro de casal?

A Transição generacional (C)

(Novamente o entrevistador dirige-se a ambos os parceiros e deixa-os falar.)

1 - Antes de começarem a vossa vida em conjunto, como imaginavam a vida familiar? Podem dar alguns exemplos de como imaginavam?

2 - Na realidade da vossa vida quotidiana, que imagens se realizaram e que imagens não se realizaram? Que aconteceu conforme imaginaram e que aconteceu de forma diferente?

3.1 - O que consideram importante transmitir aos vossos filhos? Que valores? Que modelos de vida?

3.2 - Tem alguma relação também com o que receberam dos vossos pais?

4 - Pensam ter conseguido passar esses valores e modelos de vida? Que poderia sido um obstáculo? Que poderia ter sido um recurso?

5 - Pensem nos vossos filhos (no caso de ser mais que um). A quem saíram e o que têm de específico deles mesmos?

6 - O que causou maior dor e o que deu maior confiança e esperança na vida familiar?

Encerramento

Juntamente com os meus agradecimentos pela vossa participação, gostaria que expressassem os vossos pensamentos sobre a entrevista. O que vos tocou mais em termos positivos e negativos? Como se sentiram em relação à minha presença? Gostariam de fazer quaisquer sugestões?

Anexo 2

EIXO	PERGUNTA	NOME	CÓDIGO
<i>Eixo das origens (A)</i>	<i>Pergunta 1</i>	Isaura	<p>AP1.I.1 Geração difícil;</p> <p>AP1.I.2. Passado difícil;</p> <p>AP1.I.3. A forma como os pais lidavam com os filhos era diferente;</p> <p>AP1.I.4.I. foi a filha mais sacrificada;</p> <p>AP1.I.5. Emigração do pai para o Brasil aos 2 meses de idade;</p> <p>AP1.I.6. A mãe e a Isaura ficaram a viver com a avó materna;</p> <p>AP1.I.7. Pai voltou quando I. tinha 7 anos;</p> <p>AP1.I.8. A forma de comunicar entre os pais era através de carta;</p> <p>AP1.I.9. Só conheceu o pai aos 7 anos;</p> <p>AP1.I.10. Na ausência do pai, chamava pai e mãe aos avós;</p> <p>AP1.I.11. Grande ligação com os tios;</p> <p>AP1.I.12. Muito acarinhada e mimada pelos tios;</p> <p>AP1.I.13. No tempo em que o pai esteve emigrado, falava-se pouco;</p> <p>AP1.I.14. I tinha conhecimento que o pai estava emigrado;</p> <p>AP1.I.15. Passado 7 anos o pai regressou a Portugal;</p> <p>AP1.I.16. Adaptação difícil á figura paterna;</p> <p>AP1.I.17. Vê o pai como um homem inteligente e com capacidades, mas que dava pouco apoio emocional;</p> <p>AP1.I.18. Os irmãos têm todos o ensino superior;</p>

			<p>AP1.I.19. Família humilde;</p> <p>AP1.I.20. Aspectos negativos da relação com o pai foram marcantes;</p> <p>AP1.I.21. O pai era muito severo;</p> <p>AP1.I.22. Dificil adaptação a chamar pai;</p> <p>AP1.I.23. O pai quando regressou tentou compensar a ausência com bens materiais;</p> <p>AP1.I.24. A mãe e a avó arranjavam estratégias para que Isaura chama-se pai;</p> <p>AP1.I.25 A mãe nunca foi uma pessoa pura;</p> <p>AP1.I.26. A mãe era muito unida ao pai;</p> <p>AP1.I.27. I. pensa que a mãe não tenha sido verdadeira com ela relativamente às consequências que poderia ter do pai;</p> <p>AP1.I.28. Dificuldade em chamar pai;</p> <p>AP1.I.29. O pai não lidava bem com o facto de Isaura não lhe chamar pai;</p> <p>AP1.I.30. Teve castigos por não lhe chamar pai (agressão física);</p> <p>AP1.I.31. Ganhou medo ao pai;</p> <p>AP1.I.32. Vía o pai como um fantasma durante muitos anos;</p> <p>AP1.I.33. Começou a chamar-lhe pai com medo das repercussões e obrigada pela restante família;</p> <p>AP1.I.34. Sentimento de diferenciação dos pais para com ela e os irmãos;</p> <p>AP1.I.35. Casou-se porque estava cansada do pai;</p> <p>AP1.I.36. Emigrou para o Canadá com o marido;</p> <p>AP1.I.37. Depois de voltar do Canadá teve outro choque;</p> <p>AP1.I.38. A restante família não estava habituada à sua presença;</p>
--	--	--	--

			<p>AP1.I.39. Emigrou para poder dar melhores condições de vida aos filhos;</p>
	<p>Eliseu</p>	<p>AP1.E.1. O pai emigrou para o Brasil quando tinha 2 anos e 6 meses;</p> <p>AP1.E.2. No regresso do pai Eliseu já era adolescente;</p> <p>AP1.E.3. A comunicação era feita através de fotografias e carta;</p> <p>AP1.E.4. Eliseu já trabalhava;</p> <p>AP1.E.5. Eliseu assumia o papel de chefe da casa na ausência do pai;</p> <p>AP1.E.6. Caracteriza a vida como razoável para a época “Tínhamos uma vida muito acessível”;</p> <p>AP1.E.7. A mãe cuidava dos 3 filhos sozinha;</p> <p>AP1.E.8. Saiu aos 11 anos da escola para ir trabalhar;</p> <p>AP1.E.9. Começou a trabalhar numa carpintaria porque era o trabalho do pai e do avô;</p> <p>AP1.E.10. Ajudava a mãe a vender miudezas nos dias de feira;</p> <p>AP1.E.11. Ter uma bicicleta nova naquela altura foi um episódio marcante;</p> <p>AP1.E.12. Relação próxima com a mãe;</p> <p>AP1.E.13. Não faltava nada em casa;</p> <p>AP1.E.14. O pai já era um homem rico antes de construir a família porque já tinha herdado várias coisas;</p> <p>AP1.E.15. Tinham bens que garantiam o sustento da família;</p> <p>AP1.E.16. A maioria dos produtos que cultivavam era para vender;</p> <p>AP1.E.17. O dinheiro que se ganhava era destinado às despesas diárias;</p> <p>AP1.E.18. Viviam num ambiente de muito carinho com a mãe;</p>	<p>AP2.I.1. Começou a aprender a costurar com o intuito de sair de casa;</p>
	<p>Pergunta 2</p>	<p>Isaura</p>	

AP2.I.2. Queria ir trabalhar para uma fábrica mas o pai opôs-se

AP2.I.3. Começou a aprender costura aos 14 anos;

AP2.I.4. Ia aprender a costurar perto do sítio onde o marido trabalhava na altura;

AP2.I.5. E. começou a querer conhece-la;

AP2.I.6. O pai de Isaura apercebeu-se e proibiu-a de continuar a aprender costura;

AP2.I.7. Teve de aprender a costurar sozinha;

AP2.I.8. A mãe de Isaura deixava-a ir. Às escondidas do pai, até á terra onde o marido trabalhava;

AP2.I.9. O namoro na época era parar em frente ao portão e conversar durante meia hora;

AP2.I.10. O pai de Eliseu emprestava-lhe o carro para ele vir namorar;

AP2.I.11. O pai era muito rígido e não a deixava ir às festas da aldeia;

AP2.I.12. Tinha muitas amigas das freguesias vizinhas;

AP2.I.13. O pai permitia que Isaura fosse apenas quando ele ia também;

AP2.I.14. Quando assumiram o namoro Eliseu também ia às festas com a família de Isaura;

AP2.I.15. Juntavam-se a pensar em organizar a vida e no casamento ser para toda a vida;

AP2.I.16. O primeiro namorado foi o atual marido;

AP2.I.17. Isaura sente que as mulheres naquela altura não têm poder de escolher o marido;

AP2.I.18. Isaura acha que não existe pessoa certa;

AP2.I.19. As pessoas tem de se ajustar umas às outras;

AP2.I.20. Existem características imprescindíveis como a compreensão e o perdão;

AP2.I.21. Como casal já tiveram alguns aborrecimentos;

AP2.I.22. Não consegue estar mais de 24h sem falar com o marido;

Pergunta 4	Isaura	<p>AP4.I.1. O pai de Isaura era muito sociável;</p> <p>AP4.I.2. As regras eram ditadas pelo pai;</p> <p>AP4.I.3. O pai é que trabalhava e sustentava a casa;</p> <p>AP4.I.4. A tarefa da mãe era cuidar da casa e dos filhos;</p> <p>AP4.I.5. Naquela época trabalhava como vendedor e ganhava muito dinheiro;</p> <p>AP4.I.6. O pai era um senhor muito bem apresentado</p> <p>AP4.I.7. O pai de Isaura tinha muitos amigos;</p> <p>AP4.I.8. O pai de Isaura era ambicioso;</p> <p>AP4.I.9. O pai de Isaura tinha relações muito próximas com os vizinhos e amigos;</p> <p>AP4.I.10. Quando se envolveu na política teve alguns problemas porque havia quem não gostasse do pai de Isaura;</p> <p>AP4.I.11. Senhor muito prestável no entanto muito reservado;</p> <p>AP4.I.12. A mãe orientava e erguia a casa e o pai habituou-se a viver sozinho;</p> <p>AP4.I.13. Tiveram dificuldades de se adaptar a vida de casal;</p> <p>AP4.I.14. O pai tinha o hábito de sair de casa sem dar justificações à mãe e era gerador de conflitos;</p> <p>AP4.I.15. Eliseu é muito pegado ao pai;</p> <p>AP4.I.16. Isaura vê o sogro como uma pessoa que gosta de estar sozinho e pouco emocional;</p> <p>AP4.I.17. A relação do pai de Eliseu com os restantes filhos é distante;</p> <p>AP4.I.18. A relação de Isaura com a mãe e a relação de Eliseu com o pai é claramente diferente;</p> <p>AP4.I.19. I. têm relação muito próxima e presencial com grande parte da sua família de origem;</p> <p>AP4.I.20. Na família paterna os filhos não têm relações com quase nenhum elemento;</p>
-------------------	--------	---

		<p>AP4.I.21. É muito difícil juntar a família de Eliseu;</p> <p>AP4.E.1. Enquanto o pai estava emigrado a mãe é que ditava as regras;</p> <p>AP4.E.2. O pai quando chegou foi logo trabalhar para a carpintaria;</p> <p>AP4.E.3. A mãe continuou com as mesmas tarefas quotidianas e com as regras habituais;</p> <p>AP4.E.4. A adaptação ao ritmo de cada um foi complicada;</p> <p>AP4.E.5. O facto de estarem emigrados no Canadá dificultou a proximidade da restante família;</p> <p>AP4.E.6. Quando voltaram a filha levou um rumo diferente da restante família (ingressou logo na faculdade enquanto que as primas levavam uma vida a trabalhar em casa e no campo);</p>
	Eliseu	
	Isaura	<p>Pergunta 5</p> <p>AP5.I.1. Na infância e juventude a relação entre mãe e filha muito próxima;</p> <p>AP5.I.2. Nessa altura Isaura assumia um papel de confidente;</p> <p>AP5.I.3. O pai tinha uma postura mais severa e dificultava a relação entre o casal;</p> <p>AP5.I.4. Quando voltaram do Canadá a relação foi-se modificando;</p> <p>AP5.I.5. A relação com as irmãs é distante;</p> <p>AP5.I.6. Quando as irmãs cresceram Isaura emigrou para o Canadá;</p> <p>AP5.I.7. Sente que as irmãs a diferenciam e fica triste;</p> <p>AP5.I.8. Isaura teve pessoas fora da sua família que assumiram um papel muito importante;</p> <p>AP5.I.9. Foram relações pautadas por carinho;</p> <p>AP5.I.10. Isaura considera que teve pessoas que conheceu no Canadá com quem formou grandes amizades;</p> <p>AP5.I.11. Ainda hoje em dia mantém contacto e relembram episódios dos filhos;</p>
	Eliseu	<p>AP5.E.1. Descreve a relação com a mãe como única;</p>

			<p>AP5.E.2. A relação com o pai na infância foi perdida devido à sua ausência;</p> <p>AP5.E.3. Relação de respeito para com a mãe;</p> <p>AP5.E.4. A relação com as irmãs era boa;</p> <p>AP5.E.5. tinha alguns arrufos devido às tarefas quotidianas;</p> <p>AP5.E.6. Não haviam muitos motivos para criar chatices na altura;</p> <p>AP5.E.7. Depois da emigração é que a família ficou mais distanciada;</p> <p>AP5.E.8. Quando tiveram fora de Portugal, houve um afastamento das irmãs.</p> <p>AP5.E.9. Atribui a emigração como causa da desvalorização do encontro hoje em dia;</p> <p>AP5.E.10. Os sistemas familiares que cada uma criou foi crucial para desfazer a relação entre irmão;</p>
	<p>Pergunta 6</p>	<p>Isaura</p>	<p>AP6.I.1 A relação de casal é completamente diferente da que tinham os pais;</p> <p>AP7.I.2. Isaura aprendeu com as atitudes e comportamentos dos pais;</p> <p>AP6.I.3. Só mais tarde é que os pais de Isaura ficaram mais ligados e alteraram um pouco os seus comportamentos um com o outro;</p> <p>AP6.I.4. Os pais de Isaura ficaram muito ligados um ao outro e eram muito confidentes;</p> <p>AP6.I.5. Antes os casais não saiam juntos para jantar fora;</p> <p>AP6.I.6. Os pais de Isaura não saiam tanto porque tinham que cuidar das filhas;</p> <p>AP6.I.7. As filhas estudavam todas fora do concelho e apenas vinham a casa ao fim de semana e esse tempo era aproveitado para confraternizar com elas;</p> <p>AP6.I.8. Isaura herdou do pai o facto de ser uma pessoa que pensa muito no futuro, ativa e poupada e vê isso como uma regra de ouro;</p> <p>AP6.I.9. O pai poupou muito durante toda a vida para deixar a vida preparada para a mãe;</p>

			<p>AP6.I.10. Isaura considera que o pai era muito agarrado e que nesse ponto ela não é tão exigente;</p> <p>AP6.I.11. Enquanto estava no Canadá tentou dar o melhor para a educação dos filhos;</p> <p>AP6.I.12. Os filhos frequentavam a escola normal e uma escola portuguesa para garantirem a aprendizagem do português;</p> <p>AP6.I.13. Evoca demasiadas diferenças entre o ensino português e o ensino no Canadá;</p>
		Eliseu	<p>AP6.E.1 É diferente a forma como se comportam;</p> <p>AP6.E.2. Os pais nunca saiam juntos e eles saem;</p> <p>AP6.E.3. A relação de casal não foi pautada por ensinamentos do pai:</p> <p>AP6.E.4. Os pais não saiam de casa porque a mãe não gostava muito;</p>
	Pergunta 7	Isaura	<p>AP7.I.1. A relação entre os pais e os avós era muito boa;</p> <p>AP7.I.2. Havia contacto frequente;</p> <p>AP7.I.3. A mãe de Isaura ficou como cuidadora dos pais com a ajuda de uma tia;</p> <p>AP7.I.4. A mãe de Isaura tinha muitas dificuldades para cuidar dos pais;</p> <p>AP7.I.5. Dantes achava-se que estar em casa com os filhos a cuidar dos pais era a melhor solução;</p> <p>AP7.I.6. A mãe de Isaura mora num lar de 3ª idade e os filhos são assíduos nas visitas;</p> <p>AP7.I.7. Cada filho tem um dia destinado para dar o jantar à mãe no lar;</p> <p>AP7.I.8. Os lares ainda são tabu para muitas pessoas;</p> <p>AP7.I.8. Isaura perspetiva o seu futuro num lar de 3ª idade assim como a sua mãe;</p> <p>AP7.I.9. As questões de partilhas geraram alguns conflitos familiares na época;</p> <p>AP7.I.10. Haviam diversas dificuldades no relacionamento entre os vários membros da família;</p> <p>AP7.I.11. Os pais de Eliseu nunca tentaram unir os filhos através de convívios;</p>

			<p>AP7.I.12. Os pais de Eliseu não tinham prazer em juntar os filhos;</p> <p>AP6I.13. A relação entre pais e filhos do casal é completamente diferente da que era mantida pelos seus pais;</p> <p>AP7.E.1. E. não presenciou muito o tipo de relação entre os pais e os avós porque os avós faleceram enquanto ele era criança;</p> <p>AP7.E.2 Não conheceu todos os irmãos do pai;</p> <p>AP7.E.3. Não conheceu o visavô;</p> <p>AP7.E.4. Só tinha relação com a avó materna que era com quem vivia;</p> <p>AP7.E.5.Com os familiares paternos havia pouco relacionamento;</p> <p>AP7.E.6. Uns tios frequentavam muitas vezes a sua casa;</p> <p>AP7.E.7. Havia uma irmã que era filha de outro homem;</p> <p>AP7.E.8. A relação entre as meias-irmãs era muito distanciada;</p>
	Eliseu		

EIXO	PERGUNTA	NOME	CÓDIGO
<i>Eixo do casal (B)</i>	<i>Pergunta 1</i>	Isaura	<p>BP1.I.1. Conheceram-se quando Eliseu foi trabalhar para a freguesia de Isaura;</p> <p>BP1.I.2. Conheciam as rotinas um do outro e procuravam-se;</p>
	<i>Pergunta 2</i>	Eliseu	Sem códigos;
		Eliseu	<p>BP2.E.1. Criaram um laço devido à impossibilidade de estarem sempre juntos;</p> <p>BP2.E.2. Conheciam as rotinas um do outro;</p> <p>BP2.E.3. Tinham dias fixos para estar juntos;</p>

			BP2.E.4. E. tinha uma boa relação com os familiares de Isaura;
	Isaura		BP2.I.1. A avó e os tios de Isaura gostava muito de Eliseu; P2.I.2. Por não poderem estar sempre juntos, criaram uma ligação maior;
Pergunta 3	Isaura		BP3.I.1. Cativou-o facto de Eliseu ser uma pessoa calma; BP3.I.2. Cativou-o facto de Eliseu ser um bom rapaz;
	Eliseu		BP3.E.1 Cativou-o o facto de Isaura ser uma pessoa agitada; BP3.E.2 Cativou-o o facto de Isaura ser bonita; BP3.E.3. O homem é mais carinhoso para a mulher;
Pergunta 4	Eliseu		BP4.E.1. No início encontrou o que procurava em Isaura;
	Isaura		BP4.I.2. Encontrou o que procurava em Eliseu; BP4.I.3. Isaura assumiu o papel de guia na vida de Eliseu; BP4.I.4. Isaura foi o braço direito de Eliseu; BP4.I.5. Isaura considera Eliseu uma pessoa sem iniciativa; BP4.I.6. Isaura considera Eliseu uma pessoa recatada; BP4.I.7. Isaura considera Eliseu uma pessoa que sabe estar; BP4.I.8. Isaura considera Eliseu uma pessoa educada; BP4.I.9. Isaura costumava ter mais responsabilidades nas tarefas quotidianas; BP4.I.10. Isaura considera Eliseu uma pessoa muito boa com toda a gente; BP4.I.11. Encontraram equilíbrio um no outro; BP4.I.12. O conhecimento só foi feito depois do casamento, antes de se casarem não tiveram tempo para se conhecerem;

			<p>BP4.I.13. Conheciam-se fisicamente;</p> <p>BP4.I.14. Não se conheciam interiormente;</p> <p>BP4.I.15. Pensa que Eliseu encontrou uma grande mulher;</p>
		Pergunta 5	
	Isaura		<p>BP5.I.1. Descobri um bom pai;</p> <p>BP5.I.2. Descobriu um bom marido;</p>
	Eliseu		<p>BP5.E.1. Encontrou coisas boas;</p> <p>BP5.E.2. Encontrou tudo que procurava dentro dos seus próprios limites;</p> <p>BP5.E.3. Encontrou uma boa dona de casa;</p> <p>BP5.E.4. Encontrou uma mulher preocupada e cuidadosa com a sua imagem;</p> <p>BP5.E.5. Encontrou uma mulher que tinha a preocupação de reunir a família;</p>
		Pergunta 6	
	Eliseu		<p>BP6.E.1. A emigração para o Canadá;</p> <p>BP6.E.2. Isaura teve problemas com o trabalho no Canadá que teve repercussões a nível familiar;</p> <p>BP6.E.3. Nunca tiveram momentos muito difíceis durante a relação;</p> <p>BP6.E.4. Inicialmente tinham pouco tempo para estar juntos;</p> <p>BP6.E.5. Após a emigração a maioria dos conflitos era devido ao esgotamento do trabalho;</p> <p>BP6.E.6. O facto de trabalhar com muitas mulheres também deixava I. nervosa e tinha repercussões na relação de casal;</p> <p>BP6.E.7. Devido ao esgotamento do trabalho o casal não tinha tempo de se encontrar;</p>
	Isaura		<p>BP6.I.1 Conciliar a vida laboral com a vida parental era difícil;</p> <p>BP6.I.2. Outro fator de destabilização foi o facto do filho dormir muito pouco;</p> <p>BP6.I.3. Deixava as tarefas alinhadas no dia anterior;</p>

			<p>BP6.I.4. Tinha que tratar de levar as crianças à escola;</p> <p>BP6.I.5. Não tinham pessoas próximas a quem pudessem deixar os filhos para realizar algumas tarefas;</p> <p>BP6.I.6. No início não tinham independência para deslocações porque não tinham carro próprio;</p> <p>BP6.I.7. Começou a ter problemas com a sua saúde;</p> <p>BP6.I.8. Devido à saúde teve de deixar o trabalho atual e arranjar outro;</p> <p>BP6.I.9. Após arranjar novo emprego foi mais fácil criar uma rotina;</p> <p>BP6.I.10. Os pais iam trabalhar e a irmã mais velha tomava conta do mais novo;</p>
	<p>Pergunta 8.1</p>	<p>Isaura</p>	<p>BP8.1.I.1. Isaura só conheceu a família de E. no casamento;</p> <p>BP8.1.I.2. Eliseu conhecia o pai e os tios de Isaura porque trabalhava na freguesia;</p> <p>BP8.1.I.3. Eliseu conhecia a os pais de Isaura mas não havia relação;</p> <p>BP8.1.I.4. Eliseu tinha boa relação com os avós e os tios;</p> <p>BP8.1.I.5. Eliseu não tinha relação com os pais de Isaura;</p> <p>BP8.1.I.6. Moraram na parte de cima da casa do pai de Isaura durante 1 ano;</p> <p>BP8.1.I.7. A mãe de Isaura quando havia muito trabalho preparava o almoço para eles;</p> <p>BP8.1.I.8. Isaura vê a sua relação com os sogros como “relação fria”;</p> <p>BP8.1.I.9. Depois de casados, iam aos domingos visita-los a casa;</p> <p>BP8.1.I.10. Haviãam regras restritas dentro da casa dos sogros de Isaura;</p> <p>BP8.1.I.11. Após a sogra falecer nunca mais foi a casa do sogro, porque o marido não manifesta interesse que Isaura o acompanhe;</p> <p>BP8.1.I.12. O sogro de I. tem uma personalidade muito introvertida e não gosta de expor a sua casa;</p>
		<p>Eliseu</p>	<p>BP8.1.E.1. Naquele tempo não se usava os namorados conhecer os sogros antes do casamento;</p>

			<p>BP8.1.E.2. Eliseu falava algumas coisas com os sogros porque trabalhava muito próximo da casa deles;</p> <p>BP8.1.E.3. Após o casamento Eliseu manteve uma relação muito boa com os sogros;</p> <p>BP8.1.E.4. No 1º ano de casados viveram em casa dos pais de Isaura;</p> <p>BP8.1.E.5. O pai de Eliseu frequenta muito a sua casa;</p> <p>BP8.1.E.6. Passavam muito tempo juntos devido a realizarem alguns trabalhos juntos;</p>
	Pergunta 8.2		Sem codificações;
	Pergunta 9	Isaura	<p>BP9.I.1. Isaura vê-se junta com E. no futuro;</p> <p>BP9.I.2. Isaura acha que o casal se completa;</p> <p>BP9.E.1. Eliseu vêem-se casado com Isaura até ao fim das suas vidas;</p>
		Eliseu	

EIXO	PERGUNTA	NOME	CÓDIGO
A Transição generacional Eixo (C)	Pergunta 1	Isaura	CP1.I.1. Isaura vê o casamento como um sorteio;
			CP1.I.2. Depois do casamento Isaura pensava nos filhos e mais tarde no projeto de vida dos filhos;
			CP1.I.3. Eliseu dizia que queria 4 filhos;
			CP1.I.4. Apenas tiveram dois filhos porque o 2º filho foi muito complicado de educar;
		Eliseu	CP1.E.1. Eliseu interligava o casamento com os filhos;
			CP1.E.2. Os dois filhos eram muito diferentes no que diz respeito á escola;
			CP1.E.3. Eliseu diz que antes do casamento pensava-se no futuro, mas não era um pensamento muito organizado;
	Pergunta 2	Isaura	CP2.I.1. Isaura concretizou tudo que queria na sua vida;

			<p>CP2.I.2 O facto de terem emigrado contribuiu para que pudessem ter um nível de vida melhor a nível económico;</p> <p>CP2.I.3 Concederam aos filhos a oportunidade de conhecer vários desportos;</p> <p>CP2.I.4 Deram a oportunidade dos filhos aprenderem melhor a língua portuguesa numa escola Portuguesa no Canadá;</p> <p>CP2.I.5 Concretizaram o desejo de oferecer aos filhos a melhor educação que existia na altura para que pudessem vingar na vida;</p> <p>CP2.I.6. Isaura acha que no percurso educacional da filha, haveria sempre gente a querer “trama-la”;</p> <p>CP2.I.7. A filha faz muitas vezes papel de médica da família;</p> <p>CP2.E.1. Eliseu também concretizou tudo que queria na sua vida, embora nem sempre no tempo que queria;</p>
		Eliseu	
	Pergunta 3.1	Isaura	<p>CP3.1.I.1 Valor de preservar a família e o contacto com a família;</p> <p>CP3.1.I.2. Tentaram transmitir-lhe o valor da ajuda ao próximo;</p> <p>CP3.1.E.1. Construir boas relações evitando conflitos;</p>
	Pergunta 3.2	Isaura	<p>CP3.2.I.1. Isaura acha que no geral o que tentaram transmitir aos filhos não tem relação com o que receberam dos pais;</p> <p>CP3.2.I.2 A ambição foi transmitida aos filhos baseado naquilo que receberam dos pais;</p> <p>CP3.2.I.3. A meta era organizar a vida dos filhos;</p> <p>CP3.2.I.4. A meta era criar condições em casa para que eles se sentissem bem em Portugal;</p> <p>CP3.2.I.5 Isaura dá muito valor às amigas da filha cujos pais têm profissões de maior estatuto;</p>

		Eliseu	<p>CP3.2.E.1 Eliseu acha que os pais eram pessoas com a vida organizada e que ensinaram-nos a organizar a vida deles também e de certa forma Eliseu e Isaura basearam-se nisso para ensinar os seus filhos;</p> <p>CP3.2.E.2. O valor do trabalho foi transmitido baseado naquilo que aprenderam com os pais;</p> <p>CP3.2.E.3 Também se basearam naquilo que foi o percurso de vida deles;</p>
	Pergunta 4	Isaura	<p>CP4.I.1 Isaura acha que a filha recebeu todos os valores que foram passados pelos pais;</p> <p>CP4.I.2. Não teve nenhum obstáculo na transmissão de valores para a sua filha;</p> <p>CP4.I.3 Tentaram transmitir a importância da humildade na vida profissional;</p>
		Eliseu	<p>CP4.E.2. O facto de acompanharem de perto o modelo de vida dos pais fez com que de certa forma o adotassem;</p>
	Pergunta 5	Eliseu	<p>CP5.E.1. Os dois filhos tiveram o mesmo tipo de educação;</p> <p>CP5.E.2. Os filhos são uma junção das qualidades do pai e das qualidades da mãe;</p> <p>CP5.E.3 O filho saiu mais ao pai na questão escolar, o facto de não gostar muito de estudar;</p> <p>CP5.E.4.O filho era muito desconcentrado na escola por isso é que não gostava;</p> <p>CP5.E.4 Os filhos têm as mesmas bases de educação mas a única diferença é que a filha era mais dedicada aos estudos do que o filho;</p>
		Isaura	<p>CP5.I.1. A inteligência da filha é específica dela;</p> <p>CP5.I.2. I. acha que o facto do filho não gostar muito da escola se deve ao facto de ter sido pouco incentivado na altura devido ao excesso de trabalho dos pais;</p> <p>CP5.I.3 Quando veio para Portugal continuou sem gostar da escola e juntou-se a um grupo de amigos que também era muito “malandro”;</p>

			<p>CP5.I.4 O filho era mais sociável;</p> <p>CP5.I.5. A filha é mais reservada e “fechada”;</p> <p>CP5.I.6 A filha mantinha contacto com as amigas pelo telefone;</p>
<p>Pergunta 6</p>	<p>Isaura</p>	<p>CP6.I.1. O que causou maior dor foi a saída dos filhos de casa após o casamento;</p> <p>CP6.I.2. A adaptação das pessoas novas que entram para o seio familiar (famílias de origem dos respetivos sogros e noras);</p> <p>CP6.I.3. Isaura considera a família do genro gente “maniaca”;</p> <p>CP6.I.4. A primeira neta faleceu devido a uma doença genética;</p> <p>CP6.I.5 Criou-se uma distância muito grande com as famílias de origem de cada um (pais de um e outro já se conheciam mas após o casamento deixaram de poder relacionar-se);</p> <p>CP6.I.6. Atribuí ao genro a culpa da ligação entre famílias se ter perdido;</p> <p>CP6.I.7. Isaura considera que havia injustiça relativamente aos poderes das famílias, gerados pelo genro;</p> <p>CP6.I.8. Não havia poder para frequentar a casa dos avós paternos da neta;</p> <p>CP6.I.9. A relação entre famílias ficou condicionada durante vários anos;</p> <p>CP6.I.10. Isaura viu a aprovação da sua conduta quando a sua nora lhe conta alguns desabafos que o filho tem consigo;</p> <p>CP6.I.11 Atribuí sucesso ao filho e o facto de se conseguir adaptar a Portugal somente a si própria;</p> <p>CP6.I.12. Isaura refere que os professores da sua filha viam o potencial dela e ela não seguia as mesmas normas dos outros alunos, porque era “superior a eles”;</p>	

			<p>CP6.I.13. Isaura tenta utilizar a doença como elemento facilitador da relação com o genro, mas sem esperança que melhore;</p>
		E	<p>CP6.E.1. A filha sair de casa para ir estudar para fora já foi doloroso; CP6.E.2 O rumo que a vida dos filhos tomou foi uma esperança para o futuro; CP6.E.3. A filha construir casa no terreno perto da casa dos pais deu confiança para o futuro; CP6.E.4. O filho também mora perto da casa dos pais, outro fator de esperança para o futuro; CP6.E.5. Reforçam a ideia que foi uma mais-valia os filhos estudarem em escolas conceituadas, contribuiu para terem a personalidade e postura que têm hoje em dia;</p>